

Francisco Castelo

CRÓNICAS
DE UMA
PESTE

VERSÃO DIGITAL
CORRIGIDA
AUMENTADA
E ILUSTRADA
(MAIO 2022)

Ficha Técnica ([da edição original em papel](#))

Título: Crónicas de Uma Peste
Autor: Francisco Castelo
Gênero: Ficção
Editor: Edição de Autor
Local de Publicação: Lagos
Data de Publicação: Abril de 2022
Depósito Legal: 498561/22
Tiragem: 200

Impresso por: Gráfica Comercial – Arnaldo Matos Pereira, Lda.
Zona Industrial de Loulé, Lt. 18
8100-272 Loulé
geral@graficacomercial.com

O autor não escreve segundo o AO90

*ao Simão
que ainda é pequenino*



Legos e Logos

Quando eu era miúdo o meu pai ofereceu-me um jogo daqueles que tentavam imitar essa invenção superior proveniente de terra viking, o LEGO, este talvez de origem espanhola – porque nesses tempos ainda as lojas dos chineses não salpilhavam a paisagem urbana e a nossa imaginação.

Era uma caixa cheia de peças de plástico com buracos: chassis, tirantes, rodas dentadas, tubos, parafusos e porcas, e as respectivas ferramentas para fixar os componentes dos vários engenhos que o conjunto permitia construir. Uma maravilha para os dedos e para o cérebro de um puto de sete anos, digo-vos. Até hoje, foi, de todas as coisas que me ofereceram, a mais parecida com as palavras, embora muito aquém das possibilidades construtivas destas.

Desfeita a caixa, esmagada pelo peso dos anos, gastas e dispersas as peças e as ferramentas que as juntavam, desaparecido o jogo nos confins da memória, não desapareceu, porém, esse prazer, essa vontade de juntar peças, montar edifícios ou máquinas complexas e eficazes, mas agora com as palavras.

Para além das construções estáticas que evocavam, e por vezes alguma elementar acção dinâmica – lembro-me que podia construir uma grua porque havia também roldanas, um fio e um gancho –, é com as palavras que consigo construir coisas mais robustas ou delicadas, fixas ou móveis, capazes de dar a volta ao mundo ou à cabeça, coisas que permitem edificar cidades, criar universos, viajar para todo o lado dentro e fora de mim.

Continuo, pois, a brincar com este jogo, acrescentado de muitas e variadas formas, construindo, reconstruindo, empoleirando partes, equilibrando peças. É o que me permitem as palavras. E cada vez mais, à medida que vou aperfeiçoando as ferramentas, essas chaves que as colocam, acertam e apertam nos devidos lugares. Desse inebriante jogo resultam escritas ímpias, meta-ficções aos bocados e faúlhas de humor que vou rabiscando à toa, nas margens do quotidiano. Não posso escrever o que não sei e não sei se consigo escrever o que quero, mas vou insistindo pateticamente nesta tresloucada ficção.



Peste declarada

O lápis, o café e o pastel de nata, ou a perspectiva pragmática do tuga no IKEA.

Querido primo Homer Simpson, estou a escrever-te ainda em estado de choque, depois de uma visita a uma grande superfície Sueca, mas que está cá em Portugal - o país pequenino que fica no princípio da Europa, o primeiro que encontras quando vens a nadar da América para cá.

A superfície comercial é como aquelas a que vocês aí nos *states* chamam 'mole' mas que por cá vende coisas duras, tipo guarda-fatos, tábuas de engomar e outras cenas domésticas. Pois fica sabendo que à custa disso descobri que os suecos são doidos.

Ora vê lá tu que logo que entrámos percebemos que ofereciam fitas métricas e lápis para tirar medidas e anotar as unidades e os tamanhos do bric-à-brac escandinavo que interessasse comprar. Bem sei que não queres saber de fitas métricas, até porque vocês aí nos *states* nem sabem o que é um metro, mas nem imaginas a qualidade dos lápis, pá; do melhor, mesmo.

E logo a seguir fiquei perplexo quando percebi que na cantina bastava comprar um copo por 50 cêntimos, para o cafezinho automático, o qual pode ser recarregado as vezes que se queira, e até com direito a um pastel de nata gratuito - que se ia tirar do prato colocado sobre os expositores da cantina onde um casal de empregados trigueiros empratava pernis e secretos de porco sem prestarem a mínima atenção aos clientes que se serviam dos pastéis de nata à descrição. Tu já imaginaste o que seria isto aí em Springfield, com donuts em vez de pastéis de nata?!

Está claro que em três minutos estabelecemos o plano de acção: um dos comensais pagou uma bica, junto ao prato de almôndegas vegetarianas, e depois de todos terem devorado os acecipes que atrás mencionei, e após aquele ter-se servido e bebido o seu café, passou o copo ao seguinte que o foi reabastecer de igual dose cafeínica e, de fita métrica ao pescoço e lápis atrás da orelha, erguendo bem visível a cartonada chávena de café (para que os empregados vissem que era um detentor legal de um copo para café), aproximou-se do prato dos pastéis de nata retirando o que lhe competia; e cada um dos outros oito compinchas procedeu de igual modo, tendo o último deles recebido a instrução para lavar o copito numa das torneiras de sumos, a ideia era que fosse na da 7up, para que o copito viesse a servir noutras ocasiões. É que nem pensar em gastar outros 50 cêntimos num copito novo. Para quê, se os suecos são doidos?!

Querido primo, bem sei que a esta hora estás a roer-te de inveja mas não te apoquentes porque não tarda os suecos instalam uma coisa destas aí em Springfield.

Até lá, recebe um abraço deste teu primo distante.

F.



Lembras-te, Zé Pedro?

Fazer um voo invertido num avião acrobático, ou um *loop* acelerado a 4,5G, é uma experiência inesquecível, mas para um jovem não tanto quanto o é atravessar um cemitério às dez da noite, empurrando um carrinho-de-mão com roda de ferro, fazendo um barulho tremendo.

Deve ter sido em finais dos anos 70. Acabado o dia de obras em casa do genro do enterrador, coube ao neto dele e a mim, seu amigo, devolver os dois carrinhos-de-mão ao cemitério local.

O Zé Pedro abriu a porta e enfiámos os dois carros que apressadamente conduzimos pela alameda acima. Só que o carro que ele empurrava tinha uma protecção de borracha na roda, fazendo as vezes de pneu; o meu carrinho não tinha isso, portanto imaginam o chinfrim que fazia aquela roda a saltitar na calçada polida e espaçada?!

Eu ia atrás, assim, tipo, a reflectir sobre o estado dos mortos, quer dizer se estão mortos não se mexem; estão mortos, certo?! Mas o ruído da maldita roda não ajudava nada à validação desta constatação óbvia, antes suscitava a dúvida e o receio de que alguma alma, ainda agarrada aos restos físicos, se sentisse incomodada e resolvesse investigar e, quem sabe, castigar os causadores de tão inopinada ruideira.

Enfim, lá fui acagaçado até ao poiso dos carros, ao fundo do cemitério. À volta, vinha assobiando para quebrar o silêncio tumular do cenário.

Lembras-te, Zé Pedro?



Dos paquidermes

“Subtil como um paquiderme” é a definição que adoptei há muitos anos para designar os desastrados e particularmente aquelas pessoas chatas que se colocam praticamente sobre nós, procurando falar a curta distância do nosso rosto e que, por vezes, ainda exageram essa violação do espaço pessoal, segurando-nos o braço. Quando este espaço é invadido, sem permissão, geralmente reagimos através de comportamentos não-verbais. O corpo discursa, contorce-se, procura esquivar-se da intrusão.

Aos homens que assim agem sempre me apeteceu pontapeá-los ou, pelo menos, dar-lhes um valente empurrão; claro que não o faço mas encurto rapidamente a conversa, por vezes de forma nada polida.

Embora igualmente irritado, em relação às mulheres sempre me apeteceu levar a coisa para a mordacidade e devolver-lhes a violação do meu espaço pessoal tocando-as sem pudor, fazendo deslizar a minha mão por um dos seus braços ou pernas, procurando chocar e rindo-me disso.

Claro que recolho as mais surpreendentes reacções, mas é curioso que na maioria dos casos elas continuam a não perceber; não tiveram consciência de que violaram o meu “raio mínimo de existência” como o define Laura Nascimento numa resposta a uma leitora no jornal SOL de 25 de Junho de 2014, e em que remata uma possível explicação: “Não quero parecer snob, mas tenho visto que as necessidades pessoais de espaço dependem também da educação e do nível sociocultural das pessoas”.

Eu é que nunca percebi as pessoas que não compreendem o conceito de proximidade ou de espaço pessoal vital, um espaço que varia de pessoa para pessoa mas que, regra geral, é de uns 40 a 50 cm, e que não deve ser infringido. Não se trata apenas de uma questão física mas também de uma questão psicológica.

Edward Hall estudou este assunto em 1963 e teorizou alguns aspectos interessantes sobre o “espaço pessoal” ou “distância interpessoal” (*Comfortable Interpersonal Distance*). E depois dele outros investigadores também se debruçaram sobre essa área abstracta que

serve para regular a intimidade em situações de convívio social. Quanto mais próximo de alguém, maior a possibilidade de estímulo visual, táctil, auditivo e olfativo, o que é uma excelente receita para deixar as pessoas desconfortáveis.

Ainda que pareça existir uma relação entre as diferentes culturas e a extensão dessa distância, é óbvio que não me refiro à prática geral em cada país ou cultura, mas sim aos exageros, aos prevaricadores inconscientes desta etiqueta social, esses subtis paquidermes.

O cheiro da morte

Lembro-me de descobrir, durante a juventude, o cheiro da morte. Um odor intenso, irritante e repulsivo presente nos poucos velórios a que assisti.

A ocorrência desse medonho pivete noutros ambientes em que figuravam proectas figuras da aldeia levou-me, mais tarde, à interrogação sobre o estado daquelas pessoas: estariam vivas ou mortas?

Teriam sido devolvidas do esquife por alguma determinação administrativa do além, por incumprimento de algum requisito específico?

Uns anos depois percebi que a pestilência provinha de umas bolas brancas de um produto a que chamam naftalina.

O cheiro da morte era apenas isso, uma fragrância de hidrocarboneto.

Significativo, não?!



Je m'accuse!

Acuso-me de viver o presente imediato, de olhos revirados para as grandiosidades do passado, suspenso nas memórias da saudade, desinteressado no amanhã.

Acuso-me de pertencer a um povo que alargou o mundo mas não promoveu qualquer “encontro de civilizações”, relegando-se para o papel de moço de fretes no transporte de mercadorias. Um povo que aspirou a um império geográfico e sucumbiu no analfabetismo, hoje, na iliteracia.

Acuso-me de aguardar a salvação sebastianista, achando, por isso, inútil participar em qualquer esforço, singular ou colectivo.

Acuso-me de praticar a indolência atribuída ao psicossomatismo mediterrânico, fazendo gaifonas ao esforço colectivo, rindo-me dos que trabalham.

Acuso-me de me ter alheado dos problemas da sociedade negligenciando a crítica aos actos daqueles que elegi, levemente, sem inquirir das suas capacidades e honestidade.

Acuso-me de atribuir os maus resultados da minha prestação, como cidadão, à crise económica mundial, à situação periférica do país, e ao aquecimento global.

Acuso-me de oferecer resistência à mudança. A qualquer mudança.

Acuso-me de não denunciar o gatuno do bairro, o político desonesto, o director corrupto.

Acuso-me de respeitar a opinião, qualquer opinião por mais absurda que seja, e ignorar a Razão.

Acuso-me da prática da arrogância do impoluto que, cinicamente, recusa o diálogo escondendo-se num silêncio de sábio insolente.

Acuso-me de dialogar apenas com as chávenas de café e os companheiros de esplanada, excelentes tribunos, autistas como eu.

Acuso-me de aceitar a deturpação da Justiça e invocar a Verdade, a minha verdade, como valor supremo.

Acuso-me disto tudo. Sou culpado!

- Diz-me, espelho meu, haverá algum português mais português do que eu?



Porrada no bicho

Ladravam os cães ajudando os homens no cerco ao bicho. Mostravam os dentes, ameaçadores, mas temiam atacar aquele animal desconhecido. A mulher assomou à porta e, intrigada, acabou por sair a investigar a causa da algazarra. Percorridos os curtos metros que a separavam do bando eufórico deparou com um texugo, agachado, voltando-se à vez para cada um dos cães que ousava aproximar-se mais, assumindo uma posição defensiva que intrigava os canídeos. A mulher, recordando memórias da juventude e do conhecimento das coisas da serra exclamou: - Ah! É um texugo. Deixem o bicho que não faz mal nenhum!

Os homens acabaram com o alarido, chamando os cães, e afastando-se do animal como se o facto de o saberem texugo o identificasse como camarada de jogatanas de cartas ou de exultantes sessões de futebol frente ao televisor. Deixaram o animal esgueirar-se para as moitas. Não falaram mais sobre o assunto e voltaram ao trabalho. Regressada às lides da cozinha ouve a mulher, uns minutos depois, a voz de um recém-chegado que ouvindo a história pergunta pelo bicho, que nunca vira um, que o queria ver. Os outros indicam-lhe o provável esconderijo do animal e ele para lá se encaminha rapidamente. A mulher, atarefada no seu trabalho, esqueceu o episódio.

Ao meio-dia, quando todos se sentavam à mesa para desfrutar da refeição que a mulher ia servir, disse o tal retardatário, ignorante do mundo animal, em conversa com os outros: – Nunca tinha visto um bicho assim, com uns riscos no focinho... A mulher interrompeu-o: - Pois eu vi muitos na minha infância. São bonitos, e não fazem mal a ninguém. O homem atalhou de imediato, em voz bem viva e de rosto aberto em largo e generoso riso: - Pois este não faz mesmo mal nenhum, dei cabo dele à porrada.

Assim fizera. Levara consigo um pau comprido, não fosse esse tal texugo ser afinal um animal perigoso. Afinal, não parecia nada perigoso mas, pelo sim pelo não, desalojou-o do improvisado covil, sob a densa ramagem de um arbusto enorme e, aproveitando a confusão do animal devido à presença dos cães, assestou-lhe umas valentes pauladas no lombo e na cabeça.

Foi mais ou menos assim que aconteceu num mês de Junho, perto de Odiáxere.

Que raio posso dizer sobre isto senão que tal acontecimento é natural num país em que a maioria da população chafurda na mais abjecta ignorância?!

Tem este país investido largamente no fortalecimento desta prole de bárbaros, idiotas e débeis mentais que medem a inteligência pela capacidade de nomear os melhores e os piores jogadores de futebol, de saber quantos liftings faciais ou rectais fez a Tia asquerosa que só é gente na TV - essa comunicação (as)social que os alimenta com um inesgotável esgoto, essa televisão nacional que é o veículo privilegiado para difundir ignorância e boçalidade, e intoxicar a dócil manada de asnos.

Era apenas um inofensivo texugo, caramba!



Para a lareira

Em certa medida podemos dizer que o João de Deus esteve para o ensino da leitura como o Suzuki para o ensino da música - toma lá um violino, logo na primeira aula de música de uma criança de 5 anos.

E, de facto, eu assumi uma parte da língua portuguesa como um código de expressão ideográfica - na realidade isso acontece a toda a gente; gente que no entanto não tem consciência disso ou a coragem de o admitir.

Eu também não sou de letras; *vade retro* malditas! Apenas faço retratos, coisa mais salutar e útil, fintar a mafarrica do alfange, garantir que depois de fenecer a memória de um ainda fica cá o seu registo, na imortalidade da catadura.

Tudo balelas inventadas pelos livreiros, e a malta vai na poesia. Triste sina a deste país de marinheiros que ficam abeirados ao mar contemplando o horizonte e fazendo poemas.

Roube um barco e parta à procura do seu poema!

Já passaram 9 anos da morte de Óscar Lopes. E como diz o povo: "cá se fazem, cá se pagam". Ele foi um dos responsáveis por um dos maiores

equivocos da minha vida, a ilusão de que se aprendia alguma coisa nos livros.

Li um dele e fui fazer a admissão à universidade. Como era ingénuo nesse tempo. Até que um dia acabei por ver a Luz, na enorme fogueira que fiz com todo o papel timbrado e encadernado que decorava as estantes. Essas, ficaram muito mais giras com os *bibelots* de cerâmica, todos alinhados pelo grau de brilho do vidro.

Desde os patinhos raiados de *craquelet* com o bico sublinhado a ouro até ao Zé Povinho fazendo ginástica braçal, passando pela senhora Fátima e pela chinesa maneta, as minhas prateleiras nunca mais assentaram livros, esses objectos estéreis de diarreicas prosápias, gongorismos supérfluos, ensinamentos pornográficos e demais ideias malucas que os incautos insistem pôr e retirar deles como se fosse possível à inteligência reduzir-se a letras encostadas umas às outras e daí desprender-se, mais tarde, em volutas ectoplásmicas inspiradas por segundos e terceiros, estranhos à sua criação.

Que morram as letras todas e os seus arautos.

Que fiquem os porcos; esses sim, dão bons presuntos e boa chouriça, e não lêem livros.

E agora que a lareira está a esmorecer vou alimentá-la com mais um calhamaço de Rodrigues dos Santos, que a proprietária já não vai reler.





À porta

Puxava a meia porta errada e empurrava, erradamente, a meia porta certa. Claro que nada se abria, já que a primeira estava fixa e a segunda só cedia puxada e não empurrada. E dali não saía nada, ou melhor, não entrava. E eu, eterno espreita das maravilhas da natureza, dos segredos do universo e das incongruências da acção humana, assistia, impávido, interessado em conhecer o desfecho daquele impasse que o homem de idade mais avançada não parecia conseguir resolver.

Foi a senhora que estava atrás de mim que se encaminhou para a porta e, num gesto solidário que arrasou o meu cinismo de observador especulativo, repôs a humanidade em falta naquele breve episódio de acesso à clínica de exames médicos.

Claro que senti a bofetada de luva branca com que a senhora respondeu ao “mas que raio...” que eu havia murmurado ao perceber a falta de discernimento do concidadão em simplesmente alternar o procedimento em relação às portas, no que teria resolvido o embaraço em que se encontrava. Por vezes é preciso uma bofetada destas para acordar os cínicos da sua letargia contemplativa e reflexiva; a vida não requer tanta meditação em detrimento da necessária acção.

Na verdade, esperava que o homem vencesse aquele dilema da maldita porta que não conseguia abrir e entrasse vitorioso sobre a decadência da velhice. Claro que era uma expectativa egoísta minha na medida em que o que me preocupava era a perspectiva daquela cena decadente constituir uma antevisão da minha própria velhice.

Reflexos do passado no futuro

Foi preciso esperar pelo final do século XX para que a fotografia alcançasse o estatuto pleno de documento histórico. Mas hoje, para os historiadores, a fotografia é um testemunho fiável na explicação de factos do passado, quer na dimensão individual quer social.



Por outro lado, sem as fotografias do velho álbum de família ou os retratos tipo passe dos cartões da escola ou do clube, ninguém consegue lembrar com clareza as suas feições de infância. É um facto.

A ideia poética de que a fotografia congelava um instante da vida que se eternizaria é agora posta em causa pelos milhões de fotografias que se fazem a cada momento e se armazenam nos mais variados suportes digitais, porque, simultaneamente, esta facilidade imensa de gerar imagens transformou a Fotografia em algo facilmente descartável.

Na verdade, as imagens digitais que hoje produzimos são arriscadamente provisórias, porque são de natureza volátil - um aglomerado de impulsos electromagnéticos - e, principalmente, porque raramente garantimos o seu correcto arquivamento.

Estamos, portanto, perante uma conjuntura cultural que produz registos imagéticos impermanentes, o que nos leva a considerar que muitas dessas “memórias visuais” não chegarão a um futuro distante. Isto é grave, pois aprendemos, há muito, que a imagem é um testemunho de algo que foi e, conseqüentemente, uma memória válida do nosso passado.

A fotografia como parte do acervo cultural de uma sociedade transporta significados culturais, políticos, ideológicos, etc. mas as condições em que cada fotografia foi realizada expressam sentidos e motivações dos seus actores: desde logo a perspectiva do próprio fotógrafo e, frequentemente, a perspectiva do patrono do seu trabalho, pelo que é sempre discutível a tentativa de tradução de uma época, ou de uma ideia, a partir de fotografias.

E por isso, o discurso que cada fotografia carrega pode e deve ser questionado, tal como acontece com os outros documentos históricos. A fotografia não é detentora da verdade; ela não revela as coisas como são, mas tão somente concepções e mensagens que queremos produzir de uma determinada forma, subjectiva, e que achamos mais adequada. Na

verdade, a fotografia não é uma reprodução da realidade mas apenas uma representação dessa realidade.

No entanto as fotografias continuam a ser um instrumento da memória pessoal, e até colectiva, ainda que, naturalmente, sejam manipuladas de acordo com os nossos gostos e interesses pessoais.

Sendo a Fotografia a mais fiel forma visual de registar a realidade, tendemos a aceitá-la como reprodução dessa realidade, e nisso reside um dos seus maiores valores. O problema é que já não podemos esperar que as imagens que produzimos hoje vão perdurar no futuro; e se não perdurarem o que espera cada indivíduo que perdeu os retratos de si próprio, é o total oblívio. Dele se esquecerão rapidamente os netos, e dele nunca se lembrarão os bisnetos.

Desse sujeito que vai ser esquecido não me refiro apenas à imagem do seu rosto, mas uma memória mais abrangente e complexa que remete e evoca o seu tempo e o seu protagonismo na marcha da sua família, da sua comunidade e, conseqüentemente, no devir da sociedade em geral.

E se esse esquecimento é o resultado a nível pessoal/individual, coisa idêntica acontecerá a nível social pois enormes serão os lapsos, as fendas abertas, nas memórias das comunidades. Sem imagens do passado - mais ou menos recente é indiferente -, perde-se uma parte da história individual e colectiva; perde-se memória. Ora, um indivíduo sem memória é um indivíduo sem passado. E o mesmo poderemos dizer de uma sociedade. E uma sociedade sem consciência do seu passado é uma sociedade que repete, eternamente, os mais grosseiros erros.

Temo que daqui a 50 anos seja mais fácil recordar visualmente as primeiras décadas do século XX do que as primeiras décadas do século XXI.

Gravar em vários e diferentes suportes (digitais e físicos) as imagens que hoje produzimos, é uma forma de fazer perdurar essas memórias visuais. Garantir a sua longevidade e tratá-las como herança que deve ser preservada pelas gerações seguintes é a única garantia de perenidade de uma parte daquilo que fomos e fizemos na vida – uma parte que poderá ser bastante para conhecer o passado. Uma parte que poderá enformar uma importante diferença na marcha das sociedades e da espécie humana.

O polvo que sofria de amores

Já desde as civilizações antigas que o barco é considerado um ser vivo, um ente anímico e, portanto, tratado como tal pelos seus utilizadores. E para quem já testemunhou um entusiasta do automobilismo falando com o seu carro, tal coisa não pode estranhar.

Por esse motivo muitos barcos têm olhos, uns de forma humana, outros de formas geométricas: triângulos; losangos; estrelas; mas todos com idêntico significado.

O Olho de Hórus, *udjat*, proveniente da cultura pré-clássica egípcia espalha-se por todo o Mediterrâneo, chegando até aos confins da Península Ibérica pela mão dos fenícios que o adoptaram como representação de valores importantes: a força; a coragem; a protecção e a saúde.

É naquela parte a que os pescadores do centro e sul do país chamam cara do barco, situada na zona da proa, de um e outro lado do casco, que se fazem figurar esses olhos que ajudam a ver bem o caminho, encontrar os melhores pesqueiros e a regressar a bom porto, mesmo debaixo de nevoeiro ou tormenta.

E esse simbolismo apotropaico mimetiza o uso de talismãs ou amuletos entretanto quase caídos em desuso a bordo, como os chifres, as ferraduras, e as figas, com semelhantes atributos de que se destacam a protecção contra o mau-olhado e a má sorte.

Má sorte teve o polvo que se apaixonou pelo olho aberto pintado na cara da lancha de pesca não sabendo, porque não se espera que um polvo saiba destas coisas, que aquele olho protector de que a forma geral e a sobancelha derivam do olho humano, e as linhas inferiores de um olho de falcão é, inclusive, um competente guia nos caminhos do além.

O que aquele infeliz *Octopus vulgaris* sabe é que sente um poderoso e magnético fascínio pelo olho que o mira impávido e altivo, mas que infelizmente não lhe fala, não lhe diz nada, não responde ao profundo e dramático sentimento que por ele nutre.

Tudo aconteceu quando, uns dias antes, o polvo saía de um buraco enrolando, num abraço mortal, uma esverdeada e rechonchuda navalheira (*Necora puber*) que não conseguira esquivar-se ao eficiente



molusco. Andava a maré baixa e, no alto, entre a superfície das águas e o céu inalcançável, um enorme olho balouçava piscando-se para ele, polvo.

Foi avassalador. Largou a navalheira, que se esgueirou, aliviada, para o buraco mais próximo, e o polvo ficou especado, hipnotizado pelo enorme olho que o observava.

E os dias sucediam-se com o polvo aguardando a passagem do barco para, nas ocasiões em que o Rui por ali fundeava para lavar um xalavar de conchas de búzios, trepar pelo costado da lancha, segurando-se com dois raios dobrados na roda de proa, e os outros esparramados como uma estrela-do-mar, reservando um deles, mais sensível, para tocar suavemente aquela imagem que o trazia emotivamente perturbado.

Mas pouco depois deixava-se escorregar, decepcionado porque, assim, tão próximo, o olho olhava para longe não dando atenção à sua presença. Então submergia de novo, rumo à profundidade marinha de onde regressava a ilusão do olho virado para si, fenómeno que a refração do elemento líquido potenciava. Porém, cego na sua paixão, isso não via ou não sabia. E também nada sabia das quimeras que são próprias das paixões, pelo que mantinha dia-após-dia aquela eterna esperança dos iludidos.

Sendo conhecedor dos segredos do mar, bem podia perceber tratar-se da oclusão intermitente, provocada pelas ondas no balouçar do barco, que fazia parecer piscar o olho. Mas estava siderado, embasbacado com a beleza daquele traço preciso e esbelto de um olho que o encarava intensamente. Poderia lá saber tratar-se da representação do órgão visual de uma divindade e, por esse motivo, toda aquela beleza surreal?!

Tampouco sabia o polvo quão próximo está o seu ser do simbolismo daquele olho que para além de protecção também evoca renovação, dois aspectos intimamente ligados à existência da sua espécie, plasmados nos cuidados que a fêmea dispensa à prole num extremismo maternal que a leva à morte por inanição, quando concluído o seu dever.

Inesperado seria que um simples polvo recuperasse do empoeirado e superficial uso folclórico, o simbolismo transcendental de um ícone tão antigo, dotando-o de nova dimensão ligada ao ciclo da vida e morte e à regeneração dos seres aquáticos.

Ainda hoje lá está o polvo, perto da Ponta da Piedade, agarrado a uma rocha que mal desponta fora de água na preia-mar, aguardando esperançosamente que o Rui passe com a lancha Senhora dos Aflitos e o seu olho sublinhado a rímel numa perfeição divina.



Da força destruidora da ignorância

A admirável Calçada Portuguesa, cuja técnica se iniciou no séc. XVI, teve o seu aprimoramento na sequência do terramoto de 1755; nomeadamente no processo de reconstrução daquela que viria a ser a baixa pombalina de Lisboa. Os padrões então adoptados, em zig-zag, causaram furor na época tendo, até, suscitado prosas e versos sobre o assunto. Um exemplo notável da aplicação deste padrão é a calçada do Rossio.

Este expoente da arquitectura nacional não se limitou ao nosso país; a calçada portuguesa impôs-se por todo o mundo lusófono. O seu padrão mais famoso é o chamado Mar Largo, com um traçado de linhas alternadas a preto-e-branco, estilizando o ritmo das ondas. É esse o desenho de um dos grandes cartões postais do Rio de Janeiro, o famoso Calçadão de Copacabana.

O padrão Mar Largo existe em Portugal desde o século XVIII. Na Praça do Infante, em Lagos, foi destruído para substituir por uma modernice que nem é carne nem é peixe, senão um enorme lava-pés que, na plenitude do seu desempenho cibernético, se transforma num esbanjador de água, ajudado pelo habitual vento dominante.

Com a alteração operada naquele espaço comprometeu-se o uso da verdadeira “sala de visitas” da cidade, onde em tempos mais recuados se ouviam as filarmónicas no coreto e, em tempos mais recentes, conjuntos musicais, bem como toda a variedade de eventos culturais e recreativos que ali tinham lugar.

Um erro a corrigir no futuro, quando se constatar a impossibilidade de continuar a desperdiçar água e aquele espaço perder o sentido que, forçadamente, tentaram dar-lhe.

O revolucionário patético

Eu sou um gajo revolucionário, ou pelo menos acredito na revolução, e no Che, claro. Mas vivo em democracia num país que sempre me deu tudo o que necessitei; por isso também vivo sem dificuldades. Por isso, e porque a minha família é da classe média, e, portanto, nunca me faltou nada. Mas sou pela revolução porque me sinto incomodado com as injustiças sociais e económicas. Incomoda-me existir tanta pobreza e miséria, e tantos trabalhadores explorados; por isso sou um revolucionário, e por isso me indigno tanto com os porcos fascistas que encontro pelo caminho. Aqui na minha terra há resmas deles.

Convém esclarecer que alguns desses porcos fascistas são como eu, quero dizer vivem como eu, e pertencem à mesma classe social e económica, até andaram comigo na escola; mas são fascistas porque não pensam como eu. Aliás, basta-me reconhecer-lhes ideias próprias divergentes das minhas e arremesso-lhes logo com um “lambe-cus” ou o impagável “porco facho”; ainda que eu tenha passado parte da minha vida a “lamber cus” aos turistas, porque é essa a única coisa que sei fazer nesta estância turística.

E se os vejo a atacar os manifestantes anti-merdas históricas, estátuas e coisas assim; ou a denunciarem que a eclosão dos bolsonaros e trumps do mundo se deve ao desvario das administrações e políticas ditas de esquerda, corruptas e arrogantes, então disparato mesmo e se não me seguram, atiro-me a eles: - Segurem-me! - Segurem-me ou eu vou-me a eles! Eu sei muito bem que a maioria daqueles seguidores do tal Ventura nem sequer são verdadeiros apoiantes de nada daquilo. Não são nem nunca foram da Direita dura, nem sabem o que isso é; são apenas uns

pacóvios fartos dos vigaristas do costume que encontram naquele extremismo demagógico a única forma de os incomodarem. Mas, então, abraçavam a revolução, caramba. Se é para fazer verdadeira oposição... exceptuando algumas leis e orçamentos que convém ir deixando passar, até porque é importante garantir que existe cacau para distribuir, também, pelos revolucionários do ócio... e outros artistas.

No entanto é verdade que, sendo um revolucionário de esquerda, jamais admitiria viver num país em que vigorasse um verdadeiro regime de esquerda, porque sei muito bem que se não fizesse parte da *nomenklatura*, faria parte dos anónimos milhões que, em nome da igualdade social e económica, não devem procurar riquezas ou quaisquer outras formas de evidência que os coloquem acima da classe laboriosa e honrada dos trabalhadores – excepto se tivesse especiais aptidões artísticas ou desportivas; então, sim, poderia evidenciar-me, mas sempre e só como uma criação do colectivo a que pertenço.

Mas como não é o meu caso... não interessa.

É claro que num país desses nunca me permitiriam as loucuras das noitadas do charrinho, do pó ou do álcool, vícios burgueses que a revolução abomina. Tampouco me permitiram levar uma juventude, e boa parte da vida adulta, de forma completamente irresponsável.

É por isso que eu sou um revolucionário num país de Economia de Mercado; ou seja, numa dessas tretas capitalistas. Sou porque posso sê-lo, e é coisa que me dá imenso prazer: esgrimir a minha superioridade moral e ética, insultando aqueles que não pensam como eu, e anunciando aos gloriosos trabalhadores as virtudes da sociedade livre, do comunismo perfeito.

Se eu percebesse alguma coisa de antropologia das religiões, saberia quão perto estou daqueles missionários que ao longo da História espalharam por toda a parte semelhante boa nova. Mas isso não interessa para nada, aliás, para a fogueira com essa padralhada.

Bem sei que alguns me qualificam de “revolucionário burguês”, ou “jovem irresponsável e decadente”, mas se sou isso é por culpa da sociedade burguesa e fascista; e esses gajos que assim me apelidam são todos fascistas. É que são mesmo. E lambe-cus, também são lambe-cus. O raio que os parta!

Eu sou um revolucionário, acredito nos ideais da revolução e vivo-os intensamente... nem que seja no mundo da fantasia... sim, da fantasia,

porque já não compreendo a realidade; já não aceito aquilo em que o mundo se tornou, e choro.

Sim, choro. Choro porque sou apenas um pobre diabo, como todos os outros, perdido num mundo que se perdeu há muito. E enquanto choro oiço, num rádio velho e bafiento, um coro de vozes vindas do passado, que me hipnotizam e acalmam:

“Dentro da Revolução tudo, contra a revolução nada” - Fidel Castro

“Tudo no Estado, nada contra o Estado, e nada fora do Estado” - Benito Mussolini

“Tudo pela Nação, nada contra a Nação” - Oliveira Salazar

Discurso resumido do revolucionário de tasca: «Eu cago nisto, cago naquilo, cago pra ti, cago para toda a gente, até cago pró ministro e cago pró Presidente. E qual é admiração, se sempre fui um cagão?!»





Dois cenários antigos

Martim saltou para a barca e um dos homens firmou as mãos na laje do cais, empurrando-a, afastando a embarcação. A correnteza da maré era tão fraca que nem ajudou a vencer a escassa milha* que separa o velho cais da foz da ribeira, encastrada nos areais, para lá da praia de S. Roque. Trabalharam os remos.

Iam para Alvor por mor de reparar o mastro quebrado da barca. Não que não houvesse mãos capazes de o fazer no burgo mas por respeito pelo contrato de assistência da marca. Assim ordenara Gil Eanes interpretando a proverbial avareza do seu amo, o senhor Infante D. Henrique. Para quê pagar tal serviço a artesãos do lugar se, a parca distância, tinham um serviço gratuito?! Assim ajustava o auto de garantia firmado na compra da barca, num stand da feira náutica de Alvor, no dia dezoito de Fevereiro do ano da graça de mil quatrocentos e quarenta e um. Não esperava Martim encontrar um ínvio funcionário no estaleiro de Alvor, homem de meia-idade, calvo, de estranho tino e paciência mínima.

Que não, que tal reparação nunca poderia ser executada com tal rapidez, argumentava o tonsurado calafate. Que sim, respondia o imberbe marinheiro do escudeiro Eanes, que tal houvera sido combinado uma semana antes entre o seu amo e o mestre do estaleiro. A barca teria de ficar operacional para a empresa que se avizinhava. Era urgente, exclamava o jovem lacobrigense de feição pueril - por vezes enganadora do seu género - ao obstinado alvoreiro.

Descansando da pesada remada que vencera a baía e a corrente do rio, acolhidos na sombra dos decaídos barracos de apetrechos do estaleiro, os oito remadores aguardavam o desenrolar da discussão. Para

lá da faixa de sombra projectada no terreiro lamacento, sob a inclemente baforada algarvia do astro rei, fulge o rosto irado do mancebo e rebrilha a calva do recepcionista da instalação náutica. Por esta altura pensarão os remadores que a demanda vai descambar em pancadaria, enquanto deslizam olhares duvidosos na apreciação dos franzinos bicípites do improvisado arrais da barca, revelando falta de robustez para brandir convenientemente um remo.

A barca assiste, serenamente, ao arrazoado diálogo que o seu mastro partido originou, baloiçando-se, alheada, nas águas cristalinas provenientes da serra de Monchique que ali se caldeiam com as do oceano. Não se chega a vias de facto, nem saberemos se tal iria acontecer. A intervenção do mestre carpinteiro, entretanto chegado ao bulício, determina que os serventes icem o batel e que se apressem nas reparações.

A companhia maruja regressa à cidade a pé, depois de franqueada a margem poente da foz alvorina, desviando-se episodicamente do extenso areal da meia praia para breves incursões aos laranjais e vinhas que bordejam a doirada moldura da baía.

O jovem ocupa a frente do pelotão, num porte altivo, sacudido quando enterra um dos pés nas areias quentes que a maré alta deixou por caminho, alheio ao chamamento das guloseimas que amiúde experimentou, então à sorrelfa de trabalhos e empenhamentos ordenados pelo seu amo. Segue orgulhoso, brilhando-lhe os olhos esverdeados onde se reflecte, esbatida, a alvura do casario da vila que se aproxima.

O senhor D. Henrique está na vila!

E logo tremeram os serventes da sua casa, os gentis-homens e outros destacados cidadãos da urbe, tremendo crianças e mulheres, das virtuosas às toleradas, senhoras, trapeiras, donzelas de coifa ou descabeladas padeiras, tremeram as alimárias cidadinas sob a cangalha das bilhas da água que distribuem, agitaram-se as grasnentas gaivotas e, até, os barcos em manobra ou ancorados estremeceram: - Desamarra-me! Parecia gritar o barinel.

- Que quero partir rio baixo, à deriva.... Parecia assim, mas não seria apenas singelo baloiçar das águas em correnteza ditada pela estrela lunar?

Injusto juízo é o de tais fracas gentes, e dos seus pertences, acerca deste dignatário da ínclita geração. Ou não?



(no século seguinte)

A Vila de Lagos tem agora mais de mil vizinhos: meia centena de homens-bons e meia dúzia de notáveis; uma dezena de oficiais do terço; muitos marítimos e gentes que vivem das hortas e pomares espalhados pelas redondezas.

Pelas ruas da urbe caminha lentamente uma velha apoiada no braço da jovem sobrinha. Vem a primeira, nesta escalfa para a sua idade, a instâncias da segunda que lhe quer mostrar o homem do chapéu bicudo. O mesmo que invariavelmente à mesma altura do dia a espera na bica de água, sentado no poial do chafariz público, ensimesmado até ao momento em que o olhar se troca com o da jovem e os olhos se rasgam em sóis de felicidade. E nos minutos que a bilha leva a encher, ouve ela, da boca dele, floridas endechas que lhe são dirigidas, suscitadas pela sua beleza.

Alcandorada no pino da abóbada celeste a candela máxima ilumina a praça em todos os seus recantos, quase derretendo com o seu bafo quente, as casas, a bica e as gentes. O silêncio da vila quinhentista é entrecortado por distantes e ténues sons de ferragens em choque, tinires de metais, talvez de ferreiro, em urgente apuro de trabalho encomendado que a época da ceifa não deixou terminar em data aprazada.

Lá no alto, a gaivota paira suavemente sobre a torre da Igreja aproveitando a ascensão térmica do ar aquecido cá nas baixuras e, dali, observa o pouco movimento em terra e o marulhar das águas no rio. Numa manobra perfeita reduz o bordo de ataque das asas e, perdendo altitude, desce em direcção à linha serpenteante que a água, minguada, desenha ao longo da ribeira.

No empedrado ressoa o rodado de uma carroça abafando o pisar dos cascos da alimária que a puxa. Um vulto negro de velha surge numa esquina da rua por onde segue a carroça, esgueirando-se solícita para uma viela estreita em direcção ao rio. Seguimos a carroça, que atravessa o largo da bica e avança pela Rua Nova, cruzando o improvisado estaleiro onde dois homens se esmeram calafetando um pequeno barco de pesca assente no areal lodoso da baixa-mar. Na baía, perto da entrada da barra, uma barca aguarda a enchente para entrar no rio e acostar ao cais. No ponto mais alto da muralha que sobe desde a porta da ribeira (hoje, de S. Gonçalo) encontra-se a porta que mais tarde será a da Vila e o paredão que encamba no baluarte de Santa Maria da Graça. Aí, nas casas portas-adentro, adossadas ao amuralhado, se arrumam paióis e outros usos militares à mistura com alfaias, mobílias velhas e demais apetrechos rurais e urbanos dos abastados da vila.

Fora de portas é o ermo, até ao convento da Trindade, quase lançado sobre o mar, isolado da urbe em local soalheiro e arejado, livre das humidades doentias do Convento da Glória, no extremo oposto da urbe, também fora de muralhas, lá nos confins da estrada real que encaminha para Portugal. Dali, os frades trinos avistam toda a baía e o movimento de entrada e saída dos barcos. Um deles é Frei Manolo, castelhano fugido à justiça do seu reino, acolhido no espírito hospitaleiro e benevolente da Ordem da Santíssima Trindade. E naquele dia de estio, logo pela manhã, observa o frade cada barco que se aproxima ou afasta, carregado ou aliviado, vogando com ele, imaginado a viagem de regresso à sua terra natal.

*Inicialmente igual a mil passos, esta milha antiga não seria superior a 600m.

genesis



A contrafacção do mundo (ou o Génesis segundo eu cá)

Embriagado, detido e interrogado no posto da GNR de Espiche, o homem lastima-se, tentando atenuar a penalização que o espera:

- Pois, senhor guarda, tudo isto começou quando o meu avô, cansado da sua solidão no escuro, disse: - Acendam a Luz! E logo os tipos da EDP, ávidos por mais um contrato, ligaram a energia. Sim, o segredo de tudo é a energia.

E a partir daí se passou a diferenciar a parte iluminada da parte escura do planeta.

A uma, o meu avô, chamou dia e à outra noite. E para contentar todos os bichos que iriam ser criados, fez rodar a terra para que o dia e a noite coubessem a toda a bicheza sem que estes tivessem de percorrer diariamente uns quatro ou mais fusos horários do planeta – o que implicaria deslocarem-se a uma velocidade enorme. Depois, cansado, Ele apagou a luz e foi dormir.

Ao segundo dia criou o firmamento, com restos da iluminação de Natal, que pendurou nos céus e, a partir daí, foi construindo tudo o mais. Parando amiúde para descansar.

Já folgado, a meio do terceiro dia, o meu avô criou o mar mas, ao reparar que a permanente humidade lhe estragava as alpercatas, depressa inventou a terra. E daí a transformá-la em coisa fértil, cheia de ervas e animalejos de molde a que a malta pudesse logo fumar uns charros e dar alface às iguanas, foi um clique de rato. Satisfeito, foi descansar.

O Sol, a lua e as estrelas mais perfeitas – que as feitas com os restos da iluminação de Natal não eram grande coisa –, fê-las então, ao quarto dia. E no dia seguinte povoou os oceanos com todo o tipo de animais que

se viram à rasca, afogando-se, até aprenderem a respirar naquela substância estranha.

De entre os inúmeros cardumes de peixum não esqueceu a criação de sardinhas certificadas – com uma pequena etiqueta amarela na orelha - acautelando futuros dissabores com a ASAE portuguesa. Também criou muitas aves estranhas e exóticas, grandes e pequenas, para gáudio dos clubes de caçadores. E Ele viu que era bom o que fizera.

Ao sexto dia encheu a terra fértil com mamíferos, répteis, insectos, e outros insectos mais pequenos e seres microscópicos como a amiba, que lhe deram grande trabalhadeira porque já não via muito bem. Achando que lhe apetecia mais qualquer coisa – a criação do Ferrero Rocher não lhe é atribuída – lembrou-se de criar um ser à sua semelhança, quer dizer, mais ou menos parecido. Fez surgir o homem e deu-lhe vida, e todas as capacidades e sentidos.

Porém, receoso de eventual sedição desta sua criação não lhe atribuiu muita inteligência e, mesmo assim, previdente, acabou por lhe arranjar uma recreação feita a partir de uma sua costela (sua, do homem, claro), a mulher. Neste dia tão preenchido, cansado, foi deitar-se fingindo dormir, posto que, como todos sabem, Ele não dorme.

No dia seguinte foi a vez de fabricar artefactos, armas, apetrechos diversos como o estojo de pesca, o papagaio de papel e o corpete. Seguiram-se carros de assalto, *piercings*, o míssil intercontinental e os descontos de fim de estação. Tudo inventou, de forma a tornar a sua criação mais interessante, divertida e... ocupada.

Ao oitavo dia (sim, é falso que Ele tenha criado tudo em 7 dias), intuiu e gerou os jogos de azar e o arroz de cabidela. Coisa que a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa logo aproveitou, os jogos de azar, não a cabidela por causa dos vegans que inicialmente só comiam o que colhiam do solo e, fartos de comer caca de pássaro, mesmo biológica, recorreram aos produtos hortícolas e à soja da Monsanto, e por aí se ficaram até hoje.

Ao nono dia, Ele foi finalmente descansar, merecidamente. Agora, à sombra de um enorme sobreiro. Não porque estivesse verdadeiramente cansado mas porque lhe fora exigido o registo das suas acções no SGD – Sistema de Gestão Documental. Ora, a partir daí passou a ser, apenas, um espectador.

O Éden, o pecado original, Caim e Abel, tudo por atacado.

Nas suas deambulações e esquivas a um dos bichos rastejantes que insistia em vender-lhes maçãs normalizadas do Belmiro, o casal de humanos (homem e mulher, que nesta altura ainda não havia licenciados transgénero), descobriu uma praia virgem da costa sul-americana, sem vendedores ambulantes e pescadores andrajosos. Era o jardim do éden, ou seja, o primeiro paraíso fiscal. Por ele corriam abundantes rios de dinheiro provenientes dos melhores casinos do mundo, da contrafacção de produtos americanos, japoneses e europeus, do tráfico de droga e dos negócios do armamento e do petróleo. Só não entrava ali dinheiro do tráfico de órgãos humanos porque a única transacção feita resumira-se a uma costela e, mesmo assim, com autorização superior.

Interdito, estava o consumo de maçãs da árvore do Bem e do Mal. Deus não os queria maniqueístas. E bem os avisou que seriam electrocutados se comessem alguma daquelas maçãs. A cobra que as comesse pois, assim-como-assim, já andava permanentemente ligada à terra. Satisfeito com as suas criações o Senhor aproveitou para tirar férias daquela semana e tal de trabalho intenso e deixou o homem encarregue do mundo...

- Ó senhor guarda, desculpe lá mas como está a escrever muito devagar eu vou abreviar esta parte, que até é muito entediante. Pode ser?

A mulher, que andava aborrecida pois nunca mais chegava a época dos saldos, curiosa e meio descuidada, deixou que a cobra lhe enfiasse algures o primeiro bocado da maçã, e assim se deu o “pecado original”. Quer dizer, só se deu depois que o homem também comeu da maçã. E comeu. O resto já sabem, a partir daí a mulher passou a ter a menstruação e as dores de parto, até que alguém surripou a seringa das epidurais a Deus. O homem foi condenado a trabalhar, assistir a jogos de futebol na televisão e beber cervejas, as duas últimas em simultâneo, para cúmulo. E mandou-os para um bairro ali para os lados do Chinicato, criar a prole, nascida pecadora.

Ora desses filhos que eram irmãos legítimos entre si, Caim e Abel, acontece que o segundo deles, mais jovem e irrequieto, influenciado por uma caderneta de cromos da bola, fugiu e foi jogar para o Liverpool, enquanto o primeiro ficou a braços com a acusação de assassinato do mano desaparecido.

A grande invernã.

Olhe, senhor guarda, abreviando, isto é mais ou menos igual ao episódio da novela da noite. O mais importante, mesmo, foi a chuvada, um autêntico dilúvio que não deixou secar a roupa durante meses a fio e que alagou o estacionamento da Câmara Municipal no piso menos dois até, a bem dizer, à entrada do menos um. Isso é que foi liquidez. E foi preciso construir uma barcaça grande, grande como o pavilhão e o estádio e as piscinas de Lagos, grande mesmo... eu já vou contar, acabe lá de escrever esta parte, senhor guarda.

O dilúvio, ou o primeiro banho que tomam os lazeirentos.

Alertado pelo boletim meteorológico da RTP-África, Noé construiu uma enorme barcaça, tipo uma gigantesca galera de remos, com que tencionava escapar à diluviana caqueirada de água que os rotos céus iam descarregar sobre o jovem planeta. Bem pensou, pois, em dotar a descomunal embarcação de milhentos remos, onde, cedo, foi acorrentando todo o tipo de animais em condições de despender o necessário esforço. Porém, teve de esperar uns 450 anos, pois a meteorologia desse tempo era semelhante à de hoje.

Com a barca encalhada no cocuruto de um monte ali para os lados do Alferce teve de procurar rentabilizar o empreendimento, o que conseguiu, transformando temporariamente o amontoado de tábuas num SPA para animais. Os que não podiam pagar a diária, em metal sonante e amarelo, depressa enfileiravam no enorme exército de apanhadores de bagas vermelhas que o empreendedor transformava em líquido balsâmico por meio de umas caldeiras, tubagens e retortas oferecidas por uma nora que dizia ser tal engenho dispensador de força humana pois que, com ele, se conseguia, por meio da água sobre pressão, fazer andar o monstruoso paquete. Lérias, pensara o barqueiro, entusiasmado com os lucros da água foga que agora dispensava para todos os lares das Misericórdias do Mundo, por intermédio de um tal Malícias, excelente vendedor do produto.

Mas, adiante, que a chuva já vai demorada, os rios transbordantes, as estradas submersas, e os picos dos montes mergulhando nas águas adivinham a proximidade da singradura da arca zoonáutica.

Durante 40 dias choveu torrencialmente. A malta já nem conseguia calçar uma peúga seca. Ao fim desses dias, soprando uma leve aragem de Sueste, a coisa amainou e o Sol apareceu. Mas a água só começou a baixar uns cinco meses depois, desaparecendo, não se sabe para onde, coisa que desafia as Leis da Ciência. Há quem diga que um tal Sousa de Cintra a armazenou toda, o que explicaria os mais de cinco mil anos que passou a vendê-la, engarrafada.

Escorrida para a beira do mundo, que nessa altura era achatado como uma moeda, ou surripiada pelo tal Sousa, o facto é que a água desapareceu – nalguns sítios até demais, veja-se o Saara -, e a barcaça encalhou num tal monte Arafat, que recentes estudos de filologia revelam ter dado origem ao termo algarvio “marafados” por corruptela de *monarafad*, e os ocupantes do putrefacto caixote libertaram-se, finalmente, do horror pestilento que aquela coisa exalava. Saltaram para terra e andaram bêbados uns seis meses, que foi o tempo necessário para secar tudo.

Convém esclarecer que o estado de embriaguez nada teve a ver com ingestão de produtos alcoólicos, referindo-se apenas ao cambalear periclitante e errático que podemos apreciar em todos os marujos que tocam terra depois de longas viagens.

Vocês nem imaginam o espectáculo da dança dos elefantes, indecisos onde colocar a patorra, para não pisar, ou serem pisados por outros animais – não que houvesse outros animais capazes de magoar um elefante pondo-lhe um pé em cima, a menos que considerássemos algum brontossauro, mas isso não é possível porque nesta altura já Ele tinha destruído essa bicheza sáurica, por descuido, ao descarregar os intestinos durante um divino enteroclisma, episódio que desobstruiu a divinal tripa e soltou um conglomerado de indóis, ectóis, tióis e sulfeto de hidrogénio, tão comprimidos e coalhados num fenomenal excremento plásmico que, ao atingir o planeta, rebentou com os narizes dos répteis gigantes. Os narizes, e o resto.

Instruído pelo Senhor, Noé, já com a bicharada à solta pelos vários continentes, montou uma tenda onde procedeu, religiosamente, a holocaustos a Ele dedicados, em todas as feiras (da segunda à sexta - que na primeira era para descansar e dar banho ao cão). Assim aconteceu. E o demiurgo viu que era bom o que fizera.

- E foi assim que tudo começou, senhor guarda. Depois, o que aconteceu a seguir é outra história. Não sei se também a quer ouvir, ou se já me posso ir embora?!

- Sim, pode ir, mas terá de voltar daqui a cinco dias, porque eu quero saber o resto da história. E não adianta mentir-me, ouviu?!

(na semana seguinte)

Ao Senhor Guarda A. Humberto

Posto da GNR de Espiche

Caro senhor guarda, na impossibilidade de me deslocar aí, a fim de concluir o depoimento iniciado na semana passada, devido a um desarranjo intestinal causado por marisco avariado, envio-lhe esta missiva com o relato dos acontecimentos.

Sem mais de momento, ao dispor.

José de Jesus Neto de Deus.

A implosão divina de Sodoma, um teste ao arsenal nuclear do Senhor.

A destruição de Sodoma coube a uma secção da Companhia de Comandos e Serviços de Demolição do 2º Regimento de Engenharia Militar dos Anjos (os do Céu, que ainda não existia o bairro lisboeta com esse nome) que chegaram ao teatro de operações ao cair da noite. Desde logo tiveram de evitar as prostitutas e os prostitutos que enfileiravam ao longo da estrada principal, de traseiro desnudado, exposto aos transeuntes como torrão de alicante na barraca da feira, a mão sobre a cabeça e o polegar estendido na vertical, o que, parece, é sinal erótico reconhecido aos sodomitas.

Evitados esses vendedores de prazeres em corpos corruptos, o pequeno grupo de anjos militarizados (ou militares anjoados), encontra Lot*, que imediatamente os convida para sua casa. Claro que o amável anfitrião queria era alugar os quartos que tinha disponíveis, e que não rendiam desde o final do campeonato de futebol shemita, ia para mais de três meses.

Ora os habitantes de Sodoma, que tinham um faro apuradíssimo, cheirando rabinhos novos na cidade logo correram a exigir a Lot que os entregasse, a fim de matarem saudades de cuzinhos apertadinhos, uma

vez que já estavam cansados da lassidão da vizinhança. Lot, que não queria ferir as susceptibilidades dos seus conterrâneos e menos ainda as dos hóspedes (sabendo-se que não seriam as susceptibilidades destes que ficariam feridas caso ele os entregasse à população), presta-se a atirar as suas filhas virgens à fúria libidinosa da turba que bate forte, ameaçando quebrar a porta da pensão.

Os sodomitas, claro está, não vão na conversa. Sabem bem que em qualquer altura poderão atirar-se às filhas dele, enquanto os forasteiros, esses, representam uma oportunidade única.

A madrugada vai alta e a matula está prestes a rebentar com a casa, quando o alferanjo, comandante da tropa angelical, decide executar as ordens do meu avô. Ordena a Lot que parta, pois eles vão dar início ao fogo-de-artifício. E assim foi, ele pisgou-se com as filhas. Inicialmente levava a família toda mas a parva da mulher voltou-se para trás, curiosa, e foi transformada em sal (quer dizer, foi completamente desidratada, que é mais científico) pela radiação das explosões que destruíram as duas cidades pecaminosas, Sodoma e Gomorra. Pensa-se que as forças do Céu usaram duas bombas equivalentes a 5 quilo toneladas de TNT, mas não é certo. Os cálculos entre os arqueólogos e os físicos nucleares ainda não são concordantes.

Felizes com a destruição e desaparecimento dos seus concidadãos, e de sua mãe - que as tratava asperamente -, as filhas organizaram uma *rave* e consumiram haxixe a rodos, dando também, em bolinhos, ao pobre pai, com que tiveram relações sexuais, pois as moças eram entoadas e nunca mais viam a possibilidade de rebentar com o tímpano do amor. Claro que emprenharam logo e deram à luz uns tipos chamados moabitas e, por pouco, não desbarrigavam amanitas, uma raça de cogumelos que inclui o célebre *muscaria*, ou mata-moscas, aquele com cabeçorra vermelha cheia de pintinhas brancas.

Tudo isto foi uma coisa horripilante, senhor guarda. Mas foi assim, sem tirar nem pôr.

Depois, deu-se um grande enredo, com umas excursões demoradas às construções na areia, ali ao pé de Vilamoura, com uma vida muito acamelada pelos desertos do mundo que nessa altura eram explorados pelos egípcios, até que apareceu um tipo da Marvel que lixou a moina aos egípcios, um tal Moisés. O gajo era mesmo bom. E nem era filho de ninguém conhecido; o que deixa sempre a possibilidade de ser um filho de Deus - e nesse caso ainda sou parente dele - ou um filho de uma pobre e

anónima prostituta (aposto que os egípcios, a partir de certa altura, achavam que sim). Bom, mas isso é outra história. É o Exodus, e essa eu não tenho tempo para contar agora.

- Então, se estamos entendidos, vou à minha vidinha. Saúde!

O guarda ressonava recostado na cadeira de braços, e não lhe deu resposta.

*Foi este Lot que, casando em segundas núpcias com a menina Aria, deu origem à célebre Lotaria, que todos conhecemos, mormente nas suas diferentes versões, Clássica e Popular, do Entrudo, da Páscoa, do Natal, etc. uma invenção do camandro.



Antes língua de vaca

A língua brasileira tem palavras diferentes, palavras iguais com sentido diferente ou carga semântica diferente, ortografia diferente (que o estuporado AO90 não resolveu, antes complicou), e, sobretudo, uma sintaxe muito diferente; portanto, em termos práticos é uma língua diferente embora com muitas semelhanças com a língua portuguesa, tal como o galego.

É claro que os brasileiros estão-se nas tintas para esta problemática, e fazem muito bem. Só é pena que não aproveitem a língua para dar o verdadeiro grito do Ipiranga e proclamarem a sua independência da língua dos colonialistas; já que o outro grito não foi manifestação de uma sua conquista, mas a proclamação verbal de uma doação feita por um português à colónia. Isso é que os brasileiros deviam fazer. Houve quem tentasse estabelecer essa diferença linguística ainda no século XIX, como o Luís Maria da Silva Pinto*, mas a acção não teve seguidores nem fez escola, lamentavelmente.

Aguardo que um lampejo de razão, e algum governante honesto e com os tomates no sítio, leve esse maldito Acordo Ortográfico para o raio que o parta, mais os corruptos que o inventaram e os que o defendem.

Entretanto, e dado que a porcaria da ferramenta “Tradutor” do Google apenas reconhece a língua “brasileira” chamando-lhe, para cúmulo, Português; resta-me adoptar outras ferramentas de tradução como o TRANSLATOR.EU onde é possível optar entre “Português Br” e “Português Eu”. É que uma língua não se reduz à ortografia, ignorantes de merda!

Que nojo de país é este Portugal, que nem dos alicerces da sua cultura sabe cuidar, antes a deturpa e envenena arruinando-a estupidamente. Antes língua de vaca... estufada.



Saudades da Cantarinha

Lembro-me, como se fosse anteontem, daquela cantarinha com o corpo de barro escurecido pela humidade e uma pequena tábua na boca para evitar a entrada de insectos ou escafelos caídos das altas paredes da fábrica.

Na calidez do estio, a meio da tarde, com a sonolência que pedia folga mediterrânica lutando com a música da velha telefonia a válvulas, retirava cuidadosamente a tabuinha, escolhia o ângulo e a distância a que colocava a caneca e, inclinando o recipiente, despejava a água fresca.

E quando inclinava a cabeça para deixar o refrescante fluido encher a boca e escorrer pela goela, admirava a enorme nave da fábrica de conservas com as suas traves metálicas e telhas de cimento e, cá em baixo, emolduradas pelas máquinas de azeitar, cravar e lavar latas, via o rectângulo de mulheres que repetiam as operações de preparar as cavalas ou as sardinhas cozidas; sentadas nos seus bancos corridos, de lenço branco na cabeça, ensimesmadas no trabalho e nas preocupações domésticas que a mente não deixava ao portão da fábrica.

Três ou mais vezes ao dia a operária a quem calhava esgotar o pequeno cântaro lá o levava à torneira para voltar a encher. E quando se partia, de velhice ou acidente, provocava consternação geral, não obstante tratar-se dum utensílio barato que qualquer das mulheres se apressava a repor com outra adquirida no mercado semanal.

Era assim nesses tempos, sem frigoríficos, nem garrafas com tampas para coleccionar, sem dispensadores automáticos nem garrafões de marcas publicitadas na TV. Apenas um recipiente de barro, matéria telúrica que possui a propriedade de ressumar e, por essa via, refrescar a água, conferindo-lhe ainda um ligeiro sabor característico.

Era assim com essa simplicidade que vinha e morria a sede.



Nemésis líquida

Presumo que toda a gente tenha uma comida com que embirrou na juventude, aquele prato detestável que a mãe coloca carinhosamente à nossa frente, à hora certa, mesmo sabendo que não gramamos aquilo, nem mesmo locupletado com chocolate derretido; e que nós sabemos que temos de comer porque a vontade da mãe é um dos valores que mais alto se levantam no nosso universo - a vontade, e o chinelo da mãe.

Só havia uma estratégia viável para evitar ingurgitar a maldita sopa de feijão verde, mas implicava ter prévio conhecimento da intenção da progenitora em adquirir as horríveis vagens. E a estratégia consistia em elogiar as pequenas folhinhas da beldroega repetindo insistentemente, carinhosamente, como era boa tal sopa que a mãe fazia. Se pegasse, em vez de adquirir o *Phaseolus vulgaris*, a mãe optava pela salvadora erva daninha *Portulaca olerácea*.

Mesmo tratando-se de duas sopas feitas exactamente da mesma maneira e com os mesmos ingredientes - mudando o feijão verde pela beldroega, claro - a diferença era tal que a poderíamos comparar à diferença entre um gancho de cabelo enferrujado e um enorme pastel de nata acabadinho de fazer. Nada a ver uma coisa com a outra, portanto.

Mas não tendo prévio conhecimento da entrada sorrateira do malfadado feijão na ementa da semana, não havia hipótese, só restava fugir de casa; isso mesmo, fazer a trouxa e partir para outro país, ou continente. O que por vezes se materializava num “farração” de pão coberto de manteiga, breve companhia no exílio forçado pelos labirintos do hotel em construção ali ao lado. Havendo calculismo suficiente e sábia previsão sobre o castigo que se seguiria, escondiam-se as chinelas da mãe no balde existente debaixo do tanque de lavar: “moço previdente evita cu dormente” era, então, uma boa máxima.

Hoje, depois de muito cabelo desaparecido e muita experiência adiposa acumulada, já se consegue tragar a sopita, que em vez de seguir exclusivamente para baixo, rumo ao estômago, sobe também à cabeça, remexendo nas lembranças de tempos idos, e de como o assento à mesa do jantar podia, por vezes, parecer uma cadeira da Santa Inquisição, devido àquela rival poderosa e invencível, por mais que dela comesse nunca acabaria, aquela inimiga líquida.





Plâncton

O Anatólio Silva estava aposentado dos serviços da EDP e mantinha o *hobby* da pesca desportiva nos rochedos da costa, não muito distante de casa. Tinha, até, um pesqueiro favorito o qual se apressava a ocupar cedo, ainda antes do cantar dos galos, sendo certo que poderia chegar ao pesqueiro a qualquer hora pois as redondezas estavam despojadas de seres galináceos, como ao longo do percurso entre a sua residência e o lugar de eleição para capturar sargos, douradas e robalos.

Num buraco abrigado, dois metros abaixo do miradouro natural que a arriba formava ali, com acesso por um trilho, sinuoso mas suave, há muito escavado pelas chuvas naquele terreno de arenitos e calcários misturados, o pescador contava com um excelente posto para as suas pescarias, a uns três metros da superfície das águas, altura que só reduzia consideravelmente na preia-mar das marés vivas.

A um lado da inusitada gruta, um rebordo saliente da rocha formava uma prateleira com uns quarenta centímetros de fundura e outro tanto de largura, que ele aproveitava para colocar os apetrechos e demais objectos necessários à sua estada que, por vezes, demorava meio dia, dependendo da sorte na pescaria ou das condições do mar.

Noutro canto também havia um arco horizontal de pedra saliente da rocha mãe, preso por duas extremidades, formando um buraco que parecia uma sanita, deixando um espaço completamente livre até às águas que marulhavam lá baixo, e por onde, por vezes, soprava uma coluna de ar comprimida pelos movimentos da massa de água que batia com maior ou menor violência contra o imponente maciço rochoso. E ele usava esse buraco para o fim a que a semelhança convidava, quando a natureza assim o exigia.

Num dia em que as águas balouçavam tranquilas e cristalinas, e a captura de pescado não se concretizava satisfatória, e acabando de obrar pelo tal buraco para alívio da carga de feijoada ingerida na véspera, quando arrumava o estojo ouviu falatório no patamar superior, no tal miradouro natural que tantos forasteiros usavam para apreciar o rendilhado da costa que se desenvolvia para um e outro lado e a magnitude e beleza do oceano azul que se estendia até ao infinito.

Vencido o trilho sinuoso e apertado, chegou ao local e deparou com uma família de ingleses, e com o entusiasmo dos dois miúdos que apontavam para o cardume de peixes que se alimentavam de uma matéria acastanhada, flutuante, e dispersa em mancha.

Ao aproximar-se recebeu o cumprimento do casal de turistas e, solícito na explicação naturalista às criancinhas, estendeu o braço e apontou o dedo ao pequeno cardume de peixes-rei, que se debatiam, comilões, e exclamou: - *Sardine, sardine manja plâncton*. PLANCTÔN!

E recebeu Oh's de admiração e yesses de entendimento.

Antes de chegar ao veículo motorizado que lhe serve de transporte, estacionado a escassos metros, ainda os ouviu repetir a revelação que lhes deixara, sabendo que não era essa riqueza, base de toda a vida marinha, que ali servia de alimento aos pequenos peixinhos prateados.

Na aldeia

O Algarve não se circunscreve à orla costeira com as suas praias. O Barrocal (terra do barro e da cal?) é uma faixa que atravessa longitudinalmente a província, entre a serra e o litoral. Geologicamente é um espaço reconhecível pelas elevações calcárias denominadas barrocos (e, daí, 'barrocal?').

Aqui, as aldeias são salpicos brancos na paisagem ora verde ora castanha dos campos. No horizonte próximo perfilam-se os contrafortes da serra algarvia, a Oeste a Serra do Espinhaço de Cão e a Serra de Monchique, a Este a Serra do Caldeirão. Na vegetação autóctone predominam amendoeiras, figueiras, azinheiras, alfarrobeiras e arbustos como o zambujeiro e a murta. Nos vales prevalecem as culturas de regadio, particularmente os pomares de laranjeiras. A singularidade da sua formação geológica, das suas espécies vegetais e faunísticas, que condicionam o psicossomatismo dos seus habitantes, conferem a esta porção de território uma identidade própria.

A aldeia que evoco não é um sítio concreto desse barrocal algarvio, mas podia sê-lo. Nesta aldeia existem dois lavradores abastados e mais uns quatro ou cinco menos ricos. Em conjunto possuem terras suficientes para dar trabalho aos camponeses, trabalhadores humildes que vivem em pobres casas de grossas paredes em taipa. Alimentam-se estas gentes de batata, feijão, grão, couves e o mais retirado das pequenas courelas ou hortas, suas ou de arrendamento, e do suor do seu trabalho. Muitos vivem em casais e montes dispersos e distantes da aldeia. Os filhos têm de levantar-se muito cedo para palmilhar três, quatro, ou mais quilómetros, até à escola.

Não é o caso do Zé Pedro, que vive num monte fronteiro à escola da sua aldeia e que de um pulo atravessa a horta, galga a vala que limita a estrada e salta por cima do muro da escola de arquitectura típica do Plano dos Centenários, vencendo os escassos metros do recreio para entrar nessa casinha do saber pela porta das traseiras. Não sei em que tempo se vive, nem se já existem computadores, mas existem automóveis pois assim o denuncia uma velha lata de óleo deixada à beira da estrada, na intersecção do percurso do Zé Pedro e a que ele, invariavelmente, aplica um pontapé que a atira para o outro lado da estrada, à ida e à volta é a sina a que obriga a velha lata azul, ora para cá ora para lá.

Nas tardes de estio, sem escola para acatar, livre das lides rurais de alimentar os moradores das pocilgas ou mudar a palha aos inquilinos da arramada, o percurso é diferente, longitudinal e descendente por essa estrada empoeirada que o leva para lá do moinho motorizado até ao ribeiro e ao pego onde se refresca, dando mergulhos de cima do penedo que limita um lado da enorme banheira natural. Nessa altura escondem-se, talvez debaixo da rocha, os poucos peixes que por aí resolvem a sua vida. Assim usa o tempo, nessa frescura da água corrente que vai engrossar, lá mais para baixo, em curso de água pujante a que chamam rio. Nisso se ocupa, ou espreitando por entre os caniços as moças que episodicamente procuram o mesmo recreio aquático; não nesse pego mas no das rosas, outro fundão de água de acesso mais escuso. É nisso tudo que o Zé Pedro preenche as tardes de Verão dos seus 10 anos de idade.

Numa das três vendas da aldeia, a do Zé Gaspar, a que se acede pela porta da direita porque pela da esquerda entram as mulheres para a mercearia, meia dúzia de homens sentados em redor das pequenas mesas de madeira escura vão emborcando calços de aguardente de medronho. Não sei se ainda é Verão ou se estamos num fim de tarde invernal, nem isso interessa pois o medronho bebe-se em qualquer altura. Ali, na obscuridade da venda, decorre a conversa languidamente em frases que arrastam minutos; que as falas de segundos nem frases são senão algaraviadas que obrigam a muita repetição e esforço de entendimento. Fala-se de coisas agrícolas e de animais, também de negócios e de caça, um pouco de futebol, menos de política e, ocasionalmente, de enredos sentimentais com maiores ou menores desenvolvimentos invulgares.

Entra o Zé Pedro, aproxima-se do balcão e pede ao parente Gaspar uns tantos rebuçados para jogar à lerpa. Enquanto o taberneiro atende o pedido do moço um dos homens interpela-o usando o curioso tratamento formal que nunca se ouve numa cidade dirigido a um jovem ou mesmo a uma criança “então você andou lá pelo pego das rosas a espreitar a minha priminha Isabel?”, a que o catraio responde, atrevido “a natureza é livre para ser vista e eu sempre gostei daquele pego, e não quero saber se por lá andam libelinhas a avoar, cobras d’água engolindo rãs, ou moças a banhar”. A conversa teria continuação, talvez demorada, se o Zé Pedro esquecesse os companheiros do jogo de cartas que o aguardam no átrio da escola, mas não o saberemos por mor de termos de desandar para outro sítio.

Vale da Vinha é um lugarejo com quatro casas e cinco famílias, não me questionem como é isso feito neste tempo que se descreve sabendo-se que hoje a demografia daria resultado inverso, talvez com uma só família numa aldeola de quatro casas. Abeirada à estrada principal, que talvez tenha alcatrão ou não, sendo tal facto indiferente para os burros do Amílcar Farinha que ali vive, pois quer pisem alcatrão, cascalho e seixos do ribeiro ou xisto despontando nos caminhos de terra, as ferragens que os calçam serão substituídas com a mesma periodicidade pelo António Curto, artífice habilidoso que em tempos também arrancara dentes a humanos, hoje mais dedicado à capadura de porcos pretos ou castanhos, nos entremeios do seu ofício de ferrador.

Nesse lugarejo cantam três galos, mas em diferentes momentos da madrugada, um cantará alguns minutos depois do primeiro como que sendo o seu eco mas o outro cantará mais tarde, apenas quando os primeiros raios de sol começam a espreitar pelo barranco que casa os serros da Corte Nova e da Moita Alta. É um galo pertinaz, que ignora vir a fenecer exactamente da mesma forma que os outros dois, recluso numa enorme panela assente na trempe sobre o lume de lenha que, lenta e apuradamente, o cozinhará enterrado num quilo e meio de batatas cortadas às rodelas.

O Tio Julião, octogenário como muitos outros da pequena aldeia, olha desconfiado para os dois gatos que se roçam um pelo outro e contra a parede do cemitério, e um outro ainda que cruza a praceta empedrada que serve de largo central da aldeia quando nele não se descarregam carroças de palha ou cântaros de mel e aguardente. Suspeita que os felinos da aldeia, gordos e lustrosos, lhe racham as poucas telhas de vidro que tem na cobertura, modestas substitutas das janelas que a habitação não tem em quantidade suficiente.

Da outra banda da escola, exactamente em frente à casa do Tio Julião, o Zé Pedro continua a afinar a pontaria atirando pedras com o seu fiel atirador, que na cidade chamam fisga, procurando acertar no pau da bandeira da escola. Entre acertos de pedras bem polidas e calibradas pelo ribeiro muitas voam para lá da escola indo atingir inocentes telhas de vidro. O octogenário, desconfiado, continua a mirar os gatos considerando carregar a escopeta com sal grosso.

Toca o sino da Igreja para chamar os fiéis, naquilo que se pode considerar uma inutilidade acústica pois os trinta ou quarenta crentes já lá estão. O padre é que ainda não chegou, mas já vem a caminho disseram

do Sobradinho, por telefone, brados ou por outros sinais que vencem num ápice meia dúzia de montes, sinais pouco conhecidos dos citadinos e que aqui não vamos revelar a sua natureza porque aos da cidade não fazem falta.

À saída da missa o Zé Pedro vira e revira a cabeça, ora para os lados da família de um dos abastados lavradores, mirando a jovem Leonor, o alvo das suas vigias no pego das rosas, que não a habitual companhia desta, a tal Isabel prima do que bebia na venda, ora mirando o lado oposto, o meio da estrada e a apreciada lata de óleo que aguarda, imóvel, o seu toque habitual. Olha para um lado e para o outro, indeciso entre o apelo da natureza e o desafio da folia.

É o berro que a mãe, já farta de chamar, lhe arremete aos ouvidos que o desperta daquele meneio entontecido: - Vá, anda lá para casa que os porcos estão à espera!



O Tesouro

Era uma caixa de madeira enorme com os dois rótulos da ordem numa das faces maiores, remetente e destinatário, em papel branco redigido a lapiseira numa letra cuidada, talvez do amanuense da empresa Camionagem Central do Sul.

Terá sido por volta de 1976 ou 1977 que o meu tio Ginésio nos enviou esta encomenda. Mais uma das suas habituais caixas de madeira que usualmente traziam bacalhaus, ananases, cerejas, e outras iguarias que já não recordo. Depois de descarregadas pelos homens da camionagem, ficavam ali no meio da sala aguardando a chegada do meu pai que, então, as abria com uma chave de fendas enorme.

Era cedo, teria de esperar o toque da sirene da fábrica e o ruído da motorizada para depois o ver enfiar a mão pelo postigo e destrancar a porta; perscrutando então e o seu semblante sereno, inalterável, no seu fato azul de afinador de cravadeiras e restantes engenhos mecânicos da fábrica conserveira.

Enquanto essa cena não decorria, ali estávamos, eu e a caixa, olhando-nos desconfiados, como perfeitos estranhos. Ela, imóvel, repousando no meio da sala, e eu irrequieto no sofá de onde me levantava amiúde para cheirá-la, tentando detectar algum odor que revelasse o seu conteúdo. Inutilmente.

Mesmo que conhecesse todos os 17 ou 18 irmãos do meu pai, aquele tio seria sempre um dos meus favoritos. Logo, porque era dos mais parecidos com o retrato que conhecia do meu avô; um homem alto, moreno, de cabelo repuxado para trás seguro na brilhantina e bigodes negros ondulantes terminados em pontas retorcidas. Depois, porque possuía um magnetismo especial, completado pelo trato simpático e o olhar sincero, aquele encanto que atrai o próximo e seduz, até, o mais retraído animal. Em sua casa existia, invariavelmente, um papagaio ou um

galo-da-índia amestrado, e a janela abria-se para receber dois ou três pombos que todos os dias pousavam no parapeito e vinham comer à sua mão; e sempre, mas sempre, um cão.

Ao longo da sua profissão - estucador - deparava muitas vezes com situações em que era necessário vazar as sobras das casas, aquela parte que os proprietários deixavam para trás, como apêndice desnecessário ao prosseguimento das suas vidas.

E foi numa dessas casas lisboetas, que os inquilinos deixaram à consideração dos obreiros, encarregues de lhe dar novo rosto, a tarefa de se desfazerem das sobras que incluíam uma pequena biblioteca escolar em língua francesa.

Ora o meu tio, pessoa de escassas letras mas sabendo-me em idade escolar, tratou de me remeter aquela colecção. Talvez se tenha lembrado de um episódio ocorrido uns dez anos atrás, em que eu, irredutível, exigi aos meus progenitores a compra de um livro que vira no escaparate de uma livraria da capital. Provavelmente impressionado com o facto de um pequeno livro me ter suscitado mais atenção do que a lufa-lufa da grande cidade, ou os seus monumentos e edifícios deslumbrantes.

Talvez não tenha esquecido este episódio e, surgida a oportunidade, prendou-me com uns quarenta quilos de livros. Desconhecendo ele a razão do súbito interesse na aquisição do pequeno livro intitulado “O Senhor Cágado”, que o tipo de letra adoptado pela editora fizera sumir o acento e aumentar a minha curiosidade pelo relato de um hipotético senhor cagado que só a meio da viagem de regresso, embalado no ritmo sincopado do comboio, descobri não existir; ocupado o protagonismo por uma estranha tartaruga que não lograva dar lugar a nenhum senhor em apuros intestinais.

Aberta a caixa, revelara-se o conteúdo que o meu pai, informado por telefone, já conhecia. Dezenas de livros de uma antiga aluna do liceu francês. Assim penso, pois alguns dos volumes, de História e de Álgebra, tinham um nome feminino apostroado no canto superior da primeira página.

Por esta altura, contando eu três ou quatro anos de estudo da língua francesa, já entendia uma leitura directa, e quando o texto agradava recorria ao dicionário para esclarecer alguma palavra mais abstrusa.

Sentir-me-ei eternamente grato ao tio Ginésio, por me ter dado um dos mais belos presentes que recebi na vida, uma caixa de livros. Tenho a agradecer-lhe esse momento de magia que foi a descoberta do conteúdo do caixote em que, assombrado, vasculhei avidamente os livros que uma

década antes foram lidos por uma jovem aluna do Liceu Charles Lepierre; talvez na mesma altura em que eu transportava, pelas ruas de Lisboa, de mão dada à minha mãe, um pequeno livro com um intrigante conto de um senhor cagado que afinal não o era.

Hoje, só resta um desses livros, pois ao longo dos tempos ofereci uns e emprestei outros, que nunca devolveram. Sobrou a colectânea de literatura, talvez o livro mais importante do conjunto, porque me proporcionou as primeiras leituras de escritores como Baudelaire, Montaigne, Rabelais, Rimbaud, Verlaine, Victor Hugo, Voltaire.

Um autêntico Tesouro.



Viagem ao interior de uma lula recheada

Eram exactamente dezanove horas do último dia do ano quando iniciei a intrusão no ventre daquela lula possante. Logo à entrada tive de vencer os enormes paralelepípedos de condimentos vários, espalhados em diversas posições, uns assentes em face regular, outros em equilíbrio periclitante sobre uma aresta ameaçadoramente frágil. Eram muitos obstáculos, como destroços de um pavoroso abalo telúrico.

Segui, vagarosamente, apoiando com as mãos a caminhada dos pés que ora transpunham ora contornavam aqueles tantos escolhos nutritivos.

Do tecto pendiam estalactites de ovas de lula, de coloração esbranquiçada e translúcida semelhante à dos sólidos geométricos de toucinho assolapados no chão da caverna. Das paredes sobressaíam bagos de arroz inchados pela cozedura e aqui e ali despontavam micro-tufos de salsa.

A claridade, perto da entrada, ainda era forte o suficiente para me permitir distinguir outras formas: as ventosas dos tentáculos da própria lula, soltas e reviradas, decoravam algumas partes, fazendo lembrar cristais de quartzo arredondados e opacos suspensos, como lustres, do tecto abobadado.

Mais para dentro, as barbatanas removidas às '*loligo vulgaris*' semelhavam velas de pequenos barcos desaparecidos naquele enorme cilindro carnudo. Ali perto, uma metade de palito, dos que seguram a abertura do acepipe, figurava um arpão de pesca aos possantes seres marinhos como o nórdico *Kraken*; talvez primo daquela lula que eu agora explorava de vela na mão.

Alguns passos adiante, a galeria mudou de aspecto, o que percebi pelo enfraquecimento da luminosidade da vela, agora mal reflectida nas paredes de coloração castanho-avermelhada que o tomate conferia.

A estrutura era agora composta por camadas inclinadas de porções de tomate, secções de raios e da cabeça do molusco, bocadinhos de chouriço e de pimento e muitos bagos de arroz que recebiam as colorações e os odores dos demais condimentos vizinhos. Era como uma transição entre dois níveis geológicos diferentes; como uma passagem do ordoviciano ao siluriano.

De repente penetrei numa fenda a que os espeleólogos chamariam diaclase, cuja formação se explica cientificamente, assim: Quando a lula arrefeceu do cozinhado, foi gradualmente diminuindo o seu volume e

produzindo no interior rupturas, contracções e fendas. O corredor em que me encontrava era uma fissura desse tipo, pela qual se espalhava o azeite e demais sucos dos ingredientes.

Oh... e cheirava tão bem!

À medida que penetrava mais fundo no interior da comezaina, a sucessão de ingredientes que compunham a massa deglutível era mais densa. A ciência gastronómica considera essa massa como a base da matéria alimentar, massa obtida a partir da adição dos diferentes condutos e das particularidades da cozedura a que o todo é submetido.

Menos de uma hora depois deixei de contar com aquela cavidade gastronómica para prosseguir a minha aventura exploratória, pois havia devorado, num vórtice pantagruélico, aquela descomunal gruta animal e todo o seu conteúdo.

Eis, caros leitores, como me encontram neste preciso momento, perante vós, narrando esta estóica aventura de exploração e devoração pantagruélica de uma lula recheada que pesava para cima de 70 arrobas.

Aqui estou, de água-das-pedras na mão, imóvel e reclinado no meu *lectus*, arrotando sonoramente, no meu magnífico *triclinium*, a bela lula recheada.



Já enjoa, tanta dieta me(r)diterrânica

O peixe também constitui um dos pilares da dieta tradicional mais praticada em Portugal, a dieta atlântica. Essa moda da "dieta mediterrânica" - da qual inegavelmente recebemos influências e integramos alguns ingredientes - já configura uma manifestação doentia, uma autêntica irracionalidade que só serve alguns interesses comerciais, como todos os modismos.

Tenham juízo. É que "já enjoa", como bem diz o povo.

Sem dúvida que a nossa cultura recebeu influxos e influências dos povos mediterrânicos, e isso também é inegável na gastronomia, mas a nossa cozinha possui aspectos e ingredientes que não existem na orla mediterrânica, pelo que já me cansei de tanto disparate em torno de um Portugal mediterrânico (até profusamente assim identificado geograficamente). Parece que há uma vergonha nacional em assumir que somos um povo atlântico com uma cultura ímpar.

A dieta atlântica não incorpora massas, mas sim carnes, marisco e verduras. Os alimentos mais comuns às duas dietas são o azeite e o tomate. E embora a dieta atlântica também incorpore peixe, mariscos e verduras não o faz com a mesma intensidade da dieta atlântica, nem com as mesmas espécies.

Conheço muita gente baralhada com esse modismo pindérico da dieta mediterrânica.

Uma coisa são as influências, outra coisa a essência da cozinha mediterrânica praticada, obviamente, nos países mediterrânicos de que Portugal não faz parte, nem geográfica, nem culturalmente. Mas as pessozinhas confundem as influências, por mais evidentes que sejam, com o cerne de uma cultura. Não há pachorra!





Um belo serviço

A Beleza nunca foi algo de absoluto e imutável, pelo contrário assumiu formas diferentes segundo a cultura de cada período histórico e de cada região, quer na apreciação do homem ou da mulher quer na dos objectos, dos animais, das paisagens, ou mesmo a beleza das ideias e, até, da divindade.

Num mesmo tempo histórico a beleza pode ser abordada de forma muito diferente consoante é retratada por pintores, escultores ou escritores. Basta pensar como um ser alienígena interpretaria a noção de beleza feminina se deparasse simultaneamente com uma pintura de Almada Negreiros e uma descrição literária de Camilo Castelo Branco, ainda que estes autores não tenham sido contemporâneos. Do Almada refiro-me a uma daquelas matronas, cubistas e debruçadas sobre si, anafadas, contendo o mundo em si. Do Camilo, a pormenorizada descrição de uma Isaura que, cito: «... não é alta. Pertence àquela estatura que chamam mediana, a mais regular, a menos defeituosa, (...) [os cabelos] Negros e luzentes, levemente ondedos, nus de enfeites e ataviados com comodidade, e gentileza.».

Ora, na sociedade ocidental pontifica o ideal masculino, intensamente ligado ao instinto sexual que explica o apreço pelos traseiros femininos proeminentes, com reservas de gordura para a gestação, os quadris largos que facilitam o parto, e os seios fartos para amamentar. E contra isto pouco pode a moda, contra essa memória táctil dos homens que por muito que apreciem uma mulher linda e magra jamais esquecerão a diferença entre estreitar nos seus braços uma cintura feminina que deixa revelar os ossos ou uma cintura substancial, mais voluptuosa e cheia de desafios à progressão libidinosa.

As preocupações com o Belo já vêm de longe. Platão terá sido um dos primeiros pensadores a formular a pergunta “O que é o Belo?”, empreendendo uma resposta em que o identifica com o Bem, a Verdade e a Perfeição. Na Idade Média o cristianismo fundou um conceito de Beleza identificando-a com Deus, o Bem e a Verdade.

No séc. XVIII começam a emergir ideias que proclamam a subjectividade do Belo. É o tempo em que as sociedades europeias atravessam grandes convulsões (início da revolução industrial; importantes alterações políticas na América e na França). Nesta conjuntura novas ideias despontam e a questão do Belo é equacionada como um problema de gosto. A universalidade do Belo passa a ser subjectiva, como subjectivo é o juízo do gosto.

O Séc. XIX trará consigo uma autêntica religião da beleza, emoldurada pela efémera época de ouro do Ocidente: o período vitoriano em Inglaterra, o Segundo Império em França, o pontificado das virtudes burguesas e o despontar do capitalismo. Neste ambiente os artistas avançam quebrando as normas, procurando o inusitado, o excêntrico, o inalcançável: Courbet, Monet, Manet, Cézanne e outros rompem com os cânones e as convenções do academismo, anunciando a eclosão da arte moderna.

E no século XX sucedem-se as rupturas e explode uma multiplicidade de novas manifestações criativas: as artes decorativas; a *art naïf*; a arte dos povos primitivos coevos; o artesanato rural; a Fotografia, o Cinema, o *Design*, etc. Paralelamente, os conceitos e as fronteiras entre as artes são contestados; a arte é dessacralizada e perde a sua carga mítica, tornando-se frequentemente num simples produto de consumo. Mas é na estética das ciências que os ideais de beleza alcançam um discurso revelador e inesperado. Raul Penaguião, um jovem matemático português, dizia em 2012: «...a Matemática aplicada não me entusiasma muito, entusiasma-

me a beleza das ideias matemáticas, pelo que quero seguir Matemática pura e investigação, e não tanto o quanto se relaciona com a realidade, pois nesse relacionamento perde-se muito.»

Eis como ideia do Belo se impõe de uma forma tão óbvia aos valores concretos da realidade, reafirmando que a vida também encontra sentido numa componente subjectiva que existe para além da realidade material. Criamos beleza não só para recreação intelectual mas sobretudo porque ela é uma inspiração para a vida.

Em conclusão, podemos dizer que a decisão de votar neste ou naquele candidato depende, em larga medida, da empatia estabelecida entre o candidato e o eleitor. E que essa empatia assenta em dois factores: 1 - o sentimento de segurança que o candidato transmite; 2 - a beleza física do candidato.

O sentimento de segurança advém da capacidade retórica do candidato: quanto mais habilidoso e manhoso no discurso, mais confiança transmite; e a beleza física advém do mimetismo do candidato aos ideais do Belo em vigor.

Obviamente, as ideias políticas concretas ou o carácter do candidato não contam para nada nesta equação.

É uma Beleza, não é?!

O fogo no chão

À sua ténue claridade se bebericam uns cálices de aguardente e se fumam uns cigarros enrolados vagarosamente.

É com este fogo por testemunha, e com os olhos postos nele, que se discutem as coisas do dia e se trocam notícias e novidades trazidas de outros com quem se partilhou a jornada ou com quem, apenas, se cruzou pelo caminho. E a conversa que nasce não é avultada nem apressada, como se, sendo-o, o fogo se consuma mais lesto e dê por findo o momento de balanço e descanso do dia, o interregno para a deita vagarosa em leito de ferro, colchão de fatanas, lençóis de linho cru e mantas de retalhos que não protegem dos monstros e demónios dos sonhos e pesadelos que se geram nas noites serrenhas.

E a atenção hipnotizante dada ao lume, às suas brasas e chamas, frequentemente descamba em miragens de luz e teatros de sombras de que o cérebro vai desenterrar, não sei onde, significados estranhos e enigmáticos.

Observo a dança das chamas que se desprendem dos madeiros ardendo lentamente num colorido de amarelos vivos e intensos rubros, e as cornucópias de fumo ralo que ascendem para o escuro interior da chaminé; e a luz que irradia formando uma clareira que vai morrer nas margens daquela escuridão que engole o resto da casa, negrume tenuemente interrompido por pequenos clarões refulgentes nas vidraças das janelas - reflexos da lareira, ou outras figuras endiabradas, talvez fantasmas daquelas - denunciando a existência das paredes e do mundo de breu para lá delas.

Volto ao fogo que é só um mas que se repete em níveis diferentes, consoante nasce de um tronco de baixo ou de outro nesse empoleirado, onde dançam estranhas figuras contorcendo-se,



escancarando a boca ou espetando o cu em poses grotescas lembrando as

figuras da magnífica pintura "O Combate entre o Carnaval e a Quaresma" de Pieter Bruegel, antecessora da boa Banda Desenhada do século XX. Nesta pareidologia das lavaredas identifico o homem gordo empunhando um leitão no espeto; e vejo também o tocador de guitarrinha com a sua barriga descomunal e uma panela enfiada na cabeça, que segue em procissão musical com outros figurantes.

De repente, porque tudo acontece no ápice em que cada chama se contorce, oscila, tremula, são outras as figuras que ali se formam; mulheres fora dos padrões estéticos vigentes, ou seja isentas da beleza que a moda e a cultura ditam. Algumas, até, com deformidades físicas, por ali parecem saltitar. Há-as gordas e rechonchudas mas a maioria são magras, muito esguias e ondulantes, evocação de um cenário sinistro, talvez um ritual de magia negra com bruxas sacudindo-se visceralmente numa espécie de dança.

Subitamente, surge de permeio a cana de soprar o fogo, que alguém segura para atear um extremo da lenha, para lá da trempe, onde já desaparece a incandescência da madeira substituindo-se pelo enrugado e negro carbonizado. E do sopro que dá fôlego à combustão, logo surgem novas chamas e diferentes vultos extravagantes que me prendem àquele acontecimento com que o dia termina nas casas rurais humildes.

Vou dormir com tais figuras na cabeça, imaginando a continuação dos seus bailados bizarros. E então chegam os sonhos povoados de seres também fantásticos e extravagantes. Alguns deles são incorpóreos, apenas intuições de existências fátuas como os intervencionistas das redes sociais que produzem mais bruá neurótico do que críticas pertinentes, que promovem o acessório a fundamental e substituem os problemas importantes por *fait-divers* e matérias de lana-caprina. Esses, como os *diseurs* de coisas abissalmente óbvias, desvanecem-se com a chegada das silhuetas de animais pré-históricos, auroques em debandada, rinocerontes pujantes perscrutadores da vizinhança, serenos irascíveis tal é a rapidez da mutabilidade do seu humor.

Em seguida são as formigas; que coisa impressionante! Exércitos de formigas num carreiro infinito, marchando sem parar, todas iguais, e mais, e mais... vejo-as em plano geral, picado, como se um drone voador captasse a cena, ou em close-up, como se alguém empunhasse uma lupa sobre os fantásticos seres minúsculos. E a sensação causada pela linha infinita de insectos caminhando ordeiramente, inexoravelmente, é a de que o planeta se esvai em formigas.

Agora, vejo imagens do que parece ser uma cena bíblica, o apedrejamento de um blasfemo levado a cabo por um grupo de mulheres que fingem ser homens, e que na realidade são homens porque afinal estou a rever mentalmente as personagens do filme 'A Vida de Brian' dos Monty Python, em que a maioria das mulheres do filme são interpretadas por homens. Estão confusos? Então e eu, que sonho isto tudo?!

Estas imagens incendiárias em sucessão recordam-me, não sei porquê, uma *socialite* Margarida que se dizia virgem e defendia a castidade até ao casamento, tendo manifestado no seu blogue a recusa em ter relações sexuais que durassem uma noite, uma semana ou um mês. Incrédulo, pergunto-me como é que ninguém lhe explicou que aquilo não dura esse tempo todo?!

Tudo isto leva-me à pergunta: Que riso podem suscitar estas imagens burlescas e ridículas, numa cultura que aboliu, como disse Baudelaire, a gargalhada obtusa e desbragada e adoptou o riso breve e contido do homem culto que passou a olhar as coisas com sobranceria e distanciamento?! Não sei. Afinal de contas a minha grande preocupação é evitar mijar na cama depois desta inflamada brincadeira com o fogo.

Bocejo, ajeito a almofada, e encomendo-me ao sono.

Teatrices

Chegou apressada, figurando nervosa e vulnerável, incapaz de remover o plástico do maço de cigarros que pretendia fumar, iniciando-se tardiamente naquele vício, agora, para lá da meia-idade e perante a reprovação de um neto, dizia.

Auxiliada na tarefa de remoção do impertinente plástico, despejou um percentil da vida em sinopse nérvea, implicando o recente desentendimento com o namorado e a toxicoddependência do filho, tragédia que lhe provocou uma depressão.

Entre o sorriso teatral e a lágrima encenada, deitou-se à arte divinatória decifrando o signo do interlocutor e daí retirando o imperativo em jogar na lotaria, dada a assertividade manifestada.

Concluiu a actuação efectuando o último item requerido, o contacto físico, pelos ósculos de despedida que solicitou; e foi-se, com as indicações da papelaria onde poderia comprar um duodécimo - jogo, para si, enigmático - e a recomendação de se abandonar ao areal e às águas da praia urbana onde aqueles elementos naturais reverberam a força do astro-rei e diluem os achaques psicológicos. Que tenha muita sorte.

Amadores!



Do Paraíso

Onde é o Paraíso? Perguntou-me o gato, lambendo das patas os restos da sardinha.

Respondi-lhe que não sabia. - Apenas conheço a Meia Praia com a paisagem de mar e barcos que me enchem os pulmões a cada inspiração.

E de outros locais semelhantes, o que sabia eu? Insistiu o inquiridor gato semicerrando os olhos e agachando-se como é hábito destes felinos.

Disso nada sei, respondi-lhe. - Eu nem gosto de viajar!

O gato abriu ligeiramente os olhos, fitando-me curiosamente e depois bocejou, revelando os enormes caninos (não serão gatinos?), para logo fechar a boca e encurvar a espinha lateralmente aproximando a cabeça do quarto traseiro e, assim, enroscado, ignorar-me, em sintonia com a minha falta de curiosidade pelo Mundo.





Comentando citações de Agostinho da Silva (AS)

AS: - «[o português] é um ser a albergar em si, tranquilamente, variadas contradições impenetráveis, até hoje, ao racionalizar de qualquer pensamento filosófico.»

Eu: - Verdade. E não há quem nos compreenda. Nem nós próprios!

AS: - «O homem português comporta-se, exactamente, como se tivesse ao seu dispôr um molho de chaves...»

Eu: - É a nossa veia de carcereiros e, paradoxalmente, de prisioneiros. Passamos a vida a espiar-nos, condenar-nos, encarcerar-nos e a libertar-nos com os mais alucinados argumentos. E voltamos ao início.

AS: - «O português, em situações difíceis, aparece como capaz de apresentar uma solução de que ninguém se tinha lembrado e perante a qual os outros povos até recuaram, por parecer não existir qualquer espécie de solução.»

Eu: - É sabido que a proverbial arte do desenrasca é um dom luso que permite p. ex. passear uma trela, fingindo que é animal de companhia, durante um confinamento declarado.

AS: - «Do português há a esperar tudo e haver um povo no mundo do qual há tudo a esperar parece-me ser uma coisa extraordinária»

Eu: - Pois, quando não há organização, método, nem cultura do mérito resta esperar tudo; e é claro que é extraordinário... para os David Attenborough que ficam fascinados com tais fenómenos da Natureza. Ai o bicho!

AS: - «Gostaria muito que o povo português se especializasse no imprevisível»

Eu: - Estamos a caminho disso, mas nos últimos séculos apenas vivemos a esperança de que essa imprevisibilidade, em que somos peritos, fosse coisa positiva. Esperança vã.

Mas nem tudo está perdido, se no discurso somos uma ironia, no agir somos uma magnífica e reluzente ficção. Poesia e Filosofia é connosco.

“Sou um fingidor. Finjo tão completamente que chego a fingir que é boa a vida que vivo à toa”

Os portugueses são especialistas na Prática da Cegueira Deliberada. Fingem que não veem, fingem que não ouvem, fingem que não sabem. Fingem que os governantes são todos competentes, fingem que a corrupção é moderada e natural, porque é habitual - assim como uma tradição; fingem que o país é mal gerido devido às crises estrangeiras, às inclemências da natureza ou à pouca sorte. Fingir é a palavra-chave deste povo de cantores, pintores e poetas que inventaram o Fado e se dão muito à Saudade. Um país de artistas, um país de fingidores, pois claro. (F. Castelo 2019)



Memórias de cá e de lá

A Maria Alcatraz vivia na Fonte Coberta, numa pequena casinha adossada à antiga barragem construída pelos romanizados. Era pequena e redondinha e trabalhava na fábrica de conservas de peixe do Abel Figueiredo Luís.

Mais para cá, mas já na encosta do Cerro das Mós, e recordo bem, viviam outros operários da mesma fábrica, como a Conceição do Moinho, e o Joaquim Major.

Falo na Maria porque era muito parecida, fisicamente, com uma outra operária de Olhão, a Esperança do Portinho, que vendia jogo para complementar o magro salário do seu mister.

Nesse tempo as operárias eram emprestadas de umas fábricas para as outras, sujeitando-se à sazonalidade do trabalho e às vicissitudes de uma realidade industrial que mais devia à servidão medieval do que às novas ideias e valores do progresso.

A minha mãe e a Esperança do Portinho trabalhavam na fábrica do Lázaro mas eram frequentemente emprestadas para a Conserveira do Sul, do Jacinto Ferreira, ou para o Americano, chegando também a trabalhar, nesse regime, na Filetagem (estiva onde se fabricam os filetes de biqueirão) do Francisco Cocco.

Essa ocupação pendular dependia da frequência e quantidade do pescado, factores que obrigavam a outras ocupações de recurso, normalmente ligadas à agricultura, em especial no período do Defeso da pesca.

Mas trago isto à colação para contar que num certo dia a Esperança vendeu à minha mãe um bilhete premiado com 100\$00. Como resultado ganhei eu uma samarra canadiana, o meu pai um *pullover*, e ainda se comeu daqueles 50 cêntimos - pela moeda de hoje. Assim o contou a Benilde.

Atléticos portugueses

Confirma-se que somos muito bons a saltar e atirar pedregulhos. Valha-nos isso... essas aptidões para as cabriolices. Ainda por cima as atletas são giras [ref. Europeu de Atletismo 2021].

Mas é claro que nenhum desses magníficos atletas chega aos calcanhares do Zé Figueiras, o verdadeiro homem mais rápido do Mundo.

Logo que alcatroaram a EN120, e começaram a surgir as camionetas de excursionistas trazendo minhotos, beirões, ribatejanos ou alfacinhas em visita ao Algarve, o Zé Figueiras, natural de Aljezur - que não gostava de tais visitas perturbantes da pacatez barlaventina- atirava pedregulhos às indolentes viaturas assim que elas se aproximavam da ponte. Porém, achando muito trabalhoso arrancar novo paralelepípedo da calçada, lançava-se em vertiginosa correria e ainda apanhava a pesada pedra antes desta atingir o autocarro; e voltava a atirá-la e a repetir o exercício até que a última curva da povoação ocultasse os olhos esbugalhados dos estupefactos forasteiros.

E se pensam que exagero atentem nas habilidades de caçador do ilustre aljezurense que, quando acompanhado da cadela (que mantinha acorrentada e mal alimentada), e temendo que a esfaimada cachorra devorasse a lebre a que acabara de fazer o tiro, partia bruscamente em louca correria, ultrapassava o canídeo e agarrava a peça de caça, ainda antes do chumbo a vitimar; o que se traduzia, por vezes, numa porção de chumbinhos alojados na mão do alucinante caçador; o que redundava numa grande chatice pois a mão temporariamente inutilizada era a que usava habitualmente para “espancar o palhaço” e, por este motivo, via-se obrigado a calçar na mão sinistra uma luva destra para que, dessa forma, o tímido palhaço não ficasse inibido na sucessão das viris sacudidelas.

Assim mo contaram, e eu acreditei porque incomensuráveis são as aptidões dos lusitanos para os desportos.



Um lindo dia de chuva

É molhada e telúrica, ocasionando momentos em que se sente o cheiro da terra, sobretudo se estivermos no campo. E, na cidade, por vezes até se sente o odor do betão, húmido, que adivinha a sua chegada.

Gosto de a sentir, num fluxo que cai anunciando recomeços, eternos despertares de vida. Quando chove, é como se a Natureza procedesse a uma lavagem geral que tudo purifica desde as alturas até ao buraco mais recôndito do planeta.

E adoro ouvi-la na musicalidade das gotas largas que escolhem os mais variados instrumentos para a sua sinfonia, batendo sincopadamente na calçada, na chapa do automóvel, nas folhas das árvores, na janela... ah aquelas pancadas suaves na janela que tantas vezes sugerem que alguém bate docemente; e que noutras vezes investem bruscamente como um animal selvagem em fúria. E quantas vezes parece falar, gerando sons sugestivos no embate diferenciado nos distintos alvos?! E quantas vezes queremos perceber nela, na sua melopeia indecifrável, um discurso coerente, uma frase desejada que desconfiámos retida nas brumas do tempo?!

E aquele som cadenciado que a precipitação cerrada produz, aquele som contínuo de milhões de gotas irmanadas na mesma vontade de cair, simplesmente cair, numa harmonia que ora se intensifica ora se minora conforme o pranto das nuvens lá no alto.

Mas quando chove as lágrimas de quem chora são mais tristes porque ninguém as vê entre aquela enxurrada de água ácida em procissão, torrente pujante que ignora tão miseráveis regueiros alcalinos que sulcam, vagorosamente, um rosto que... chove.



Espelhos e narrativas, ou devaneios

Descrevo uma fotografia: a porção de mar reproduzida na imagem situa-se no canto Oeste da Meia Praia, limitada pelo molhe que protege a barra do rio. De resto o plano de água apresenta-se livre, como integrante do oceano, e apenas separado do céu pela linha imaginária do horizonte, aqui artificialmente sublinhada.



A luminosidade da superfície homogénea inferior confere-lhe a qualidade de espelho, como uma superfície etérea que desmaterializa o meio líquido inferior e mimetiza o nível superior, o céu.

Questiono se a imagem reflectida é efectivamente uma reprodução, uma propriedade da imagem real ou se é outra coisa. Ou se é, como diz Lacan acerca da criança que se vê ao espelho: uma imagem que “é dela” e ao mesmo tempo que “não é dela”. É certo que a paisagem não é um ser com consciência e, portanto, não é sujeito nesta questão; e também é certo que o observador não é uma criança em estágio de descoberta e formação da consciência sobre si própria; mas, o mundo das imagens reproduzidas por meios artificiais ou reflectidas em superfícies espelhadas são, frequentemente, manifestações ilusórias da realidade. Tal como uma fotografia o é, na sua impossibilidade de resolver a intencionalidade do momento e da perspectiva, na impossibilidade de discursar dinamicamente o curso do tempo, na incapacidade da reprodução exacta das cores e, no limite, na aberração na reprodução das formas, por via das alterações cromáticas.

O que sobra, então? A palavra. A palavra valorizada na narrativa, essa forma única de descrever o real e o imaginário. Sherazade, para não morrer, narrava histórias ao sultão que, assim, a poupava, confirmando que a narração é um dos modos de sobrevivência dos seres humanos.

E pelo menos desde Sherazade, narra-se para não se morrer, pois só a narrativa subsiste mesmo após o silêncio dos narradores.

Já a imagem, na sua subjectividade discursiva e interpretativa não resolve essa eterna discussão entre concreto e fictício.

Afinal os portugueses não foram os maiores escravagistas?

Há por aí uma série de... de... mentes que continuam a denunciar a veia, o papel e os proveitos dos escravagistas europeus e em particular dos portugueses. Mas ignoram, ou escondem, outros factos e números importantes. Uns são doutos imbecis, mesmo com teses publicadas; outros são charrados subsidiados que picham muros, paredes e armários da EDP pelas cidades do país; e outros ainda são intrujões e nefandos activistas, também subsidiados pela teta pública. Todos denigrem o português quinhentista como escravista e o nosso país por ter sido a maior potência escravagista; todos erram.

A maior potência escravagista do Ocidente foram os Estados Unidos da América. Querem saber como e porquê? Leiam João Pedro Marques; ainda que a maior pujança nessas andanças tenha sido alcançada pelos árabes.

E sem escamotear o papel português no tráfico negreiro, que terá atingido o seu auge no séc. XV, logo suplantado por um conjunto de outros países europeus a partir do séc. XVI, referencio que por volta de 1770, dos 34 postos de compra de escravos existentes entre o cabo de Santa Apolónia, na Costa do Marfim, e o cabo Formoso, no Benim, 15 feitorias eram holandesas, 11 inglesas, 5 dinamarquesas, 2 francesas e só uma era portuguesa, segundo o "Mapa de la costa atlántica africana desde Cabo de Santa Apolonia hasta Cabo Formoso detallando las factorías y fuertes establecidos en ella por distintos países". AGI MP Europa Africa 109, c. 1770. [via Alexandre Monteiro, a quem agradeço].

Enquanto o tráfico transatlântico durou quatro séculos, os árabes arrasaram a África Subsariana durante 13 séculos ininterruptos. A maioria dos milhões de homens por eles deportados desapareceu devido ao tratamento desumano e à castração generalizada.

(...) Aparentemente, esta dolorosa página da história dos povos negros não foi virada de forma definitiva. (...) Em Abril de 1996, o enviado especial das Nações Unidas ao Sudão já testemunhava um «aumento assustador do escravagismo, do comércio de escravos e do trabalho forçado no Sudão». Em Junho do mesmo ano, dois jornalistas do Baltimore Sun, que também tinham conseguido entrar no país, escreviam num artigo intitulado «Dois testemunhos da escravidão» que tinham conseguido comprar jovens escravas, para as libertar.

Decididamente, do Darfur do século VII ao Darfur do século XXI, o horror continua, desta vez com a agravante da limpeza étnica. É mais do que tempo de o genocídio tráfico negreiro árabo-muçulmano ser examinado e debatido, ao mesmo título que o tráfico transatlântico.

Embora não existam graus no horror nem monopólio da crueldade, podemos afirmar, sem risco de equívoco, que o comércio negreiro árabo-muçulmano e as *jihads* (guerras santas) provocadas pelos seus impiedosos predadores para obter prisioneiros foram, para a África Negra, muito mais devastadores do que o tráfico transatlântico. E isto ainda ocorre sob os nossos olhos (Janeiro de 2008), com o seu quinhão de massacres e o seu genocídio a céu aberto. Tidiane N'Diaye.

Afirmar que Portugal e os portugueses não tiveram uma atitude/actuação racista é um erro, a menos que o conceito "racista" tenha um novo significado. Talvez em várias circunstâncias e momentos da História a manifestação do nosso racismo não tenha sido tão evidente e marcante como o de outros colonizadores mas tal deveu-se, no meu entender, mais à falta de gente e à incapacidade para o fazer, que não à falta de intenção.

Porém, este texto aborda um aspecto importante do fenómeno "escravatura", que vai para além dessa outra realidade que foi a escravatura branca, refiro-me ao protagonismo do africano - negro, berbere ou árabe - enquanto agente principal do sistema escravagista ao longo dos tempos: o captor, o transportador do interior para o litoral, o vendedor. Sem esses africanos, neste papel, o negócio dos brancos jamais teria alcançado o impacto e os números que alcançou durante séculos. Ou seja «...no escravagismo não há brancos de um lado e negros do outro, há

brancos e negros em ambos os lados. Há negociantes e escravos, ambos brancos e negros...» [Alex. Monteiro].

Afinal não fomos os maiores escravagistas?!

Que desilusão.



"FORAM OS ÁRABES_MUÇULMANOS QUE COMEÇARAM O TRÁFICO DE ESCRAVOS EM ÁFRICA EM GRANDE ESCALA ... QUE SÓ TERMINARIA OFICIALMENTE NO SÉCULO XX."

Tidiane N'Diaye*

O Genocídio Ocultado
Investigação histórica sobre o tráfico negreiro Árabo-Muçulmano de Tidiane N'Diaye
Editor: Gradiva
Edição ou reimpresão: julho de 2009

Sete séculos antes do tráfico de escravos europeu, que não poderia ter, aliás, a dimensão que teve sem a participação dos negreiros árabes e africanos, os Árabes arrasaram a África subsariana durante treze séculos sem interrupção.

A maior parte desses milhões de seres humanos que deportaram desapareceu, em resultado do tratamento inumano que lhes foi infligido. Essa dolorosa página da História dos povos negros não foi ainda definitivamente voltada.

Esse tráfico começou depois do fornecimento de escravos no Leste da Europa se ter esgotado, quando o emir e general árabe Abdallah ben Saïd impôs aos Sudanese um bakht (acordo), concluído em 652, obrigando-os a entregar anualmente centenas de escravos, a maioria desses homens provinha das populações do Darfour.

E começou aí uma enorme horrorosa punção humana que só terminaria oficialmente no século XX. Muito depois da escravatura na Europa e do tráfico atlântico terem sido reconhecidos, abolidos e punidos.

Porque terão sido ocultados estes factos históricos ?

* O franco-senegalês Tidiane N'Diaye é um antropólogo e um economista de renome, a trabalhar no INSEE - Instituto Nacional de Estatística e Estudos Económicos francês, autor de livros, numerosos estudos e publicações científicas.

Pedras na sopa

É desconsolador chegar aos 60, ou às vésperas, e perceber que só agora se entra no caminho da sabedoria. Não se trata de a deter ou, sequer, de estar prestes a alcançá-la, mas achar-se, simplesmente, no trilho dela. E já não é pouco, senão tardio, perceber que se está no caminho, ainda que o objectivo final nunca venha a ser mais do que isso, estar apenas a caminho. Porque, na verdade, o que importa é a viagem em si e não o seu termo.

Não há jornadas sem obstáculos, vivências sem agruras, experiências sem sobressaltos. Porém, descubro que a maior parte das pedras que encontro no caminho foram lá colocadas por mim.

Os maiores obstáculos da vida são exemplos inequívocos desse paradoxo que nos transforma nos maiores inimigos de nós próprios. É assim com muita gente, embora poucos tenham consciência disso. Para alguns trata-se de uma enigmática, mas poderosa, atracção pelo abismo, para outros apenas a repetição *ad nauseam* de atitudes imprudentes, e para os nefelibatas o calvário da sua abstracção.

Penso que reúno um pouco de cada uma daquelas condições, num caleidoscópio de liberdade irracional, afinal tão comum entre indivíduos do novo milénio.

Já a percentagem dos calhaus de autoria alheia constitui apenas uma percentagem mínima dos obstáculos que se encontram na vida, não passando, no meu caso, de cuprólitos expelidos episodicamente por grunhos de alta ou baixa extração social, que os há aos milhares.

Quanto à importância desses obstáculos, julgo-a muito empolada. Logo, porque ao percorrer um caminho pétreo é natural que algumas das pedras estejam fora de sítio e se apresentem como obstáculos a superar. Depois, porque numa caminhada pela vida pouco se aprende se não existirem dificuldades, desafios, interrupções e, até, recuos que ritmam a progressão. E, finalmente, porque não existe coisa integralmente má; que qualquer episódio negativo possui um lado analogamente positivo, como se, pegando num paralelepípedo rochoso que apresenta faces rugosas e lacerantes, examinássemos detalhadamente as seis faces para encontrarmos aquela menos áspera e menos cortante.

Foi com ajuda obtida no contacto com terceiros, ou recolhida naquilo que escreveram, que alimentei a minha inquietude e criei os alicerces para essa empreitada de aprender o mundo.

Sendo a Sabedoria constituída por um conjunto de qualidades que incluem a sensatez, a prudência e a moderação, entendo que um dos primeiros resultados da aquisição de sapiência resulta em evitar fazer mal a si próprio, tanto quanto as influências de uma sociedade histórica e neurótica o permitam. Mas a Sabedoria envolve também o concurso da justiça, do equilíbrio e da harmonia, a prática da tolerância e da benevolência, o exercitar de um temperado desapego material, e a promoção de valores éticos.

O desconsolo referido no início advém de saber que muitos terão descoberto este caminho mais cedo do que eu e, dessa forma, terão tido mais tempo para aproveitar os ensinamentos da caminhada. Sendo certo que quantidade não é qualidade, e não servindo de lenitivo, também é verdade que muitos outros continuam por aí, às cabeçadas nas paredes ou no vazio, sem encontrarem rumo.

Ditosamente, o sentimento é, também, redentor. De uma redenção que resulta da escolha de uma atitude atenta, observadora e reflexiva ao longo da vida; e também da serenidade resultante da constatação de que mesmo sendo coisa pouca, esta consciência de um caminho para a Sabedoria é, só por si, coisa de valor. De um valor que só mais adiante se poderá avaliar, comparando a sopa que houve com a sopa que há.

E amanhã há sopa da pedra.



Tempus Fugit

Quando as sociedades regressam maioritariamente à comunicação por imagens isso significa que deixaram de dialogar, refugiando-se no acto de declarar. Sintoma de uma sociedade que perdeu a capacidade de conversar, de escrever, até mesmo de ler. Indícios de que as ideias dos outros não interessam porque não são produto da experiência de cada um: “Não são a minha experiência, a única que verdadeiramente conta”.

Nesta era de comunicação fácil e global, nunca os humanos estiveram tão afastados uns dos outros, nem tão emersos num gigantesco ruído discursivo. Porque o indivíduo de hoje não discute, sentencia. Incapaz de dialogar, o homem do séc. XXI refugia-se no monólogo, declarando a sua convicção, muitas vezes formada noutros discursos autistas que também não resultaram do confronto de ideias, de intuições, de experiências diferentes.

O sujeito de hoje evita a confrontação, e mesmo quando manifesta a sua discordância fá-lo emitindo opiniões categóricas. A par disto, nunca o tempo se mostrou tão fugidio, tão volátil, como na actualidade.

E nessa emergência de acompanhar o ritmo do ponteiro dos segundos, o ser humano dilui-se num nada existencial que finge ser um tudo universal. Produto de uma civilização neurótica, este indivíduo vive o paradoxo de tentar ser mais veloz do que o seu ritmo ingénito, biológico; e num ápice esgota a vida, raramente percebendo como tal coisa aconteceu.

O que antes era rápido tornou-se vertiginoso e a viagem nesta montanha russa que é a vida hodierna só se suspende por abrupto acidente que interrompe a corrida louca e apeia o indivíduo.

Nessa circunstância a imagem constitui algo para consumo imediato, algo que implica escassa reflexão e pouca ou nenhuma comunicação bilateral. É o discurso dos que não sabem confrontar ideias, é a língua daqueles que já não dominam os discursos tradicionais e que mostram dificuldade em ordenar o pensamento. É emissão num só sentido, ferramenta das elites dominantes dirigida às massas dominadas. Assim foi ao longo da história, com os desenhos gravados no interior de cavernas, por xamãs e líderes de clãs para admiração pelos restantes membros; assim foi nas igrejas e catedrais onde os baixos-relevos, as pinturas e as estátuas transmitiam a interpretação da mensagem de Deus, para consumo de analfabetos e iletrados; assim tem sido com os exuberantes

cartazes de figuras tutelares, ou os outdoors de publicidade, com as suas mensagens dirigidas às massas; assim continua com a supremacia do visual na comunicação moderna.

Preso numa ignorância travestida de convicção pessoal, o indivíduo de hoje não dialoga, antes declara a sua incompetência camuflada em imagens de subjectiva interpretação, em que cada destinatário/espectador constrói uma interpretação pessoal, que invariavelmente faz concordar com aquilo que considera correcto e verdadeiro. Não há lugar para a dúvida, o contraditório não é explorado, o cérebro trabalha pouco, a inteligência desvanece.

“Os média deram a palavra a legiões de imbecis que anteriormente falavam só no bar, depois de uns copos de vinho, sem causar dano à comunidade. Frequentemente, até havia alguém que os mandava calar, mas hoje eles têm tanto acesso ao uso da palavra como qualquer laureado com o Prémio Nobel. O drama da Internet é que ela promoveu o idiota da aldeia a arauto da verdade”. Umberto Eco

E a imagem aí está para facilitar essa declaração.

“A imagem é o resumo visual e indiscutível de uma série de conclusões a que se foi chegando através da elaboração cultural; e a elaboração cultural que se serve da palavra transmitida por escrito é apanágio da elite dirigente, ao passo que a imagem final é construída para a massa submetida. Nesse sentido, têm razão os maniqueístas: existe na comunicação por imagem algo de radicalmente limitativo...” Umberto Eco

Não há tempo para mais, *Tempus Fugit*.

Vejam bonecos!



Sardina pilchardus no laboratório

Olhei-as nos olhos e vi que eram sinceras, pelo que me dispus a aceitá-las como cobaias num meticuloso estudo científico. Não vos maço com extensa dissertação nem com gongorismos científicos, pelo que descrevo sucintamente a sequência da experimentação laboratorial, os produtos usados e os resultados obtidos.

Depois de salpicados com NaCl, e deixados em repouso por 30 minutos, os espécimens foram levados ao lume de um dispositivo eléctrico (para evitar resíduos carbónicos produzidos pelo fogo de carvão vegetal, que poderiam falsear os resultados da experiência), e após 8,2 minutos dessa submissão directa ao calor, foram retirados do dispositivo, verificando-se uma pronunciada desidratação dos tecidos, com amarelecimento e engelhamento da pele, e assistindo-se à libertação de alguma matéria adiposa.



Removidos para um recipiente de uso laboratorial, observou-se a retenção de uma quantidade considerável de ácidos gordos ómega-3 que, em forma liquefeita, foram absorvidos pelos suportes de material panificado, à base de trigo, escolhidos para descansar os exemplares. Seguiu-se a deglutição do complexo proteínico enriquecido por minerais de que se destacam Mg, Fe e Se, parcialmente dissolvidos num soluto de extracto fermentado de uva ao qual foi adicionada água com gaz carbónico e outros produtos químicos (CO₃, HCO₃, SO₄, C₆H₆O e C₇H₅O₂Na). E acompanhada por uma mistura vegetal de espécies como *Solanum lycopersicum*, *Allium cepa*, *Cucumis sativus* e *Origanum vulgare*. Também foi utilizado azeite de oliva com grau de acidez 0,7%.

Foram observados os seguintes resultados:

Primo: - Cerca de 2/3 dos exemplares mostraram não possuir a gordura exigida pelos padrões exigentes dos algarvios, revelando alguma porção da “tinta” da pele colada à carne; apenas 1/3 dos exemplares largaram a pele facilmente, exibindo uma luzidia, mas fina, camada de gordura.

Secundo: - A subjectividade do gosto dos cientistas envolvidos na experiência adopta a qualificação SABOROSAS.

Tertio: - Conclusivo, e sem margem para dúvidas científicas: A experiência deverá ser repetida, várias vezes, para confirmação.

Ai a tradição, etc... Então e os penicos?

Lembro-me de ter visto um belíssimo exemplar numa habitação rural no baixo Alentejo. Era daquele barro vermelho submetido a cozedura oxidante que conferia um destaque especial ao brilho dos escorridos de vidro transparente. De bordo boleado, rematava-o uma asa lisa de secção trapezoidal, descrevendo um arco que chegava quase à base circular. Tinha o exterior decorado com três linhas ondulantes paralelas dispostas na zona do bojo elipsóide. Era um objecto soberbo, digo-vos.

Embriagados no modernismo aromático dos frasquinhos e *sprays* de perfume que facilmente colhemos das prateleiras dos híper-mercados, rejeitámos aqueles eflúvios almiscarados da ureia, do cloro, do sódio, do potássio, da amónia, e mais não sei quantos solutos, por vezes oriundos de destilarias rasca, outras vezes de proveniências mais requintadas e adequadas ao consumo aristocrático, que a meio da noite era vazado de emergência.

Elas, agachadas, assentes nas suaves bordas do vaso de porcelana, bocejando enquanto o líquido jorrava; eles, sentados na beira da cama, velando com meio olho o tiro à queima-roupa ao bacio de esmalte posicionado entre as pernas, que não obstante a escassa distância e a largueza do alvo podia redundar em falhanço, dependendo da química presente na urina ou, mais exactamente, do quanto dela havia ainda no cérebro.

Amiúde, elas e eles rematando o final da trasfega líquida com um apito anal que semelhava um barco zarpando do porto ou uma locomotiva embrenhando-se num túnel de montanha.

E se a habitação era daquelas com a retrete independente dos fogos, situada no ecológico 'lá fora', então no Inverno chuvoso bem podia ser insuficiente a capacidade do estimado camareiro face ao corrupio de aflições.

Imagine-se o leitor numa daquelas casinhas humildes, de duas divisões, onde viviam para cima de uma dezena de pessoas, adultos de diferentes gerações e crianças, partilhando aquele reservatório único em noite de tempestade.

E desapareceu, deixando um rasto de nostalgia pelo soalho como se de uma cobra escura se tratasse. Foi-se, substituído pelos sanitários anexos ao quarto onde já não há a mesinha-da-cabeceira com aquela garagem no piso térreo para estacionar o extraordinário recipiente mictorial.

Hoje, apenas as criancinhas tenrinhas conhecem o prazer de usar o bacio, enquanto ensaiam a independência das fraldas, divertindo-se com a descoberta dos sons que o corpo faz, ampliados pela capacidade ressonante do proverbial recipiente.

Só eles, pequeninos, mantêm viva a tradição... do inestimável penico.



Azeiteiros

Em tempos idos alguns produtos chegavam à aldeia pela mão do Azeiteiro que se fazia transportar numa pequena camioneta pintada de cores garridas próprias de uma mixórdia *kitsch-naïve*. Chegado, o homem escolhia uma posição central, normalmente a praça principal ou a parte larga da rua mais importante, e tocava a buzina para avisar da sua presença.

Embora tendo iniciado a actividade com uma carroça puxada por asinino, desde cedo aumentara a variedade de produtos que transportava e merceava, não se ficando pelo precioso líquido dourado que tinha lugar em todas as mesas, e lhe dava o nome do ofício.

Lembro-me que a ruidosa viatura possuía umas fiadas de prateleiras repletas de inúmeros produtos por onde desfilavam os olhos ávidos de quem desejava, mas nem sempre podia adquirir; desde tachos, esfregões, latas de conserva e gasosas, até faqueiros, almofadas plastificadas, laranjadas, sabão para barrela e cantis de cortiça.

Em várias culturas da orla mediterrânica manteve-se o hábito, talvez herdado de civilizações clássicas (como os romanos, que se lavavam com azeite) de usar o óleo de oliva como gel capilar – ainda não tinham inventado a brilhantina.

Com o correr do tempo, e face à chegada de novos produtos e costumes o hábito passou a ser associado a atraso de vida.

De alguma forma uma das ocupações que manteve esse hábito, quase como imagem de marca, foi a dos proxenetas que, assim, entendiam cuidar da sua aparência. Inevitavelmente, a profissão ficou associada ao termo azeiteiro, engrossando o leque de sinónimos para o vocábulo.

Eles andam aí

Parque de estacionamento meio cheio, e acabando de arrumar as compras e fechar a bagageira, um automóvel preto parou perto de mim, com o vidro do pendura descido, e o condutor, aparentando uns 40 anos, de barba aparada e sorriso estampado, cumprimentou-me: - Atão pá, tás porreiro? O que tens feito?

Olhei bem para aquele rosto desconhecido que me interpelava a uns três metros de distância e, quando ele lançou a frase “Olha, já não estou lá, sabias?!” respondi à pergunta inicial: - “O que tenho feito? Tenho trabalhado, sabes o que é?”; recordando uma abordagem semelhante feita uns anos antes, por um cromo idêntico, ali perto da Rodoviária Nacional, e que acabaria com o fulano a tentar impingir-me a compra de uns relógios, supostamente para ajudar uma associação que ampara órfãos na Ilha da Madeira. Lembro-me que esse tipo trazia uma miudita de uns 4 ou 5 anos no banco de trás e que a incentivava a cumprimentar aquele senhor (eu) que era um velho amigo «Diz bom dia ao senhor», e, depois, virando-se para mim: «É uma das 40 e tal crianças que tomamos conta, tás a ver?!».

O de hoje, acelerou a viatura e foi-se, mal lhe virei as costas após a resposta.

Uns tentam impingir vigarices, outros tentam entrar em espaços alheios com o fito do gamanço. Muito cuidado, porque é recorrente a presença desta bela corja de gatunos em actividade. Alguns, de maior mobilidade, desaparecerão ao fim de dois ou três dias para tentarem a sorte noutras paragens, mas outros ficarão por aí, espreitando, aguardando ou criando oportunidades para burlar ou furtar.



Insónia 436#

Entrei na sala onde, na minha ausência, teria caído um silêncio repentino e recente, para receber o singular pedido de um dos meus acompanhantes que ficara no interior, abeirado à mesa, sentado numa daquelas cadeiras de atabua tradicionais da serra fronteiriça que o Algarve partilha generosamente com o Alentejo, certamente recompondo-se da caminhada íngreme, descansando as pernas mas dando serviço aos olhos no apreciar do presunto que enfeitava o centro da mesa, tendo declinado a oferta do dono da casa para visitar as pocilgas e admirar o sovão de 20 arrobas, pai de toda a criação suína do monte.

- Aqui esta rapariga anda a contas com a vida sem saber se há-de seguir os ditames da cabeça ou os ímpetos do coração, tu que és sábio, o que aconselhas? Meneando a cabeça para o lado esquerdo, onde uma jovem morena de olhos brilhantes nos observava, de frente um pouco inclinada para a frente, envergonhada.

Suspirei de cansaço físico, ou enfado com aquela apresentação de sábio, e decorrida a eternidade de microssegundos que os neurónios dependem na organização da resposta, talvez espirituosa para tal desafio, respondi, mesmo sem saber a verdadeira natureza da questão.

- Existem três respostas para essa questão, a resposta sábia, a resposta prudente, e a resposta que move o mundo, qual das respostas queres, menina?

Sorrindo, ainda meio envergonhada mas já com a cabeça levantada, respondeu-me.

- Sei lá, estes é que estão para aqui a inventar que tenho males de amores, e escancarou o sorriso baixando de novo a cabeça.

Olhei para a jovem que não teria mais de dezasseis anos e, desejando acabar com aquilo rapidamente para libertar o dono da casa no convite de atacar o presunto, disse.

- Olha dou-te as três pelo mesmo preço. A resposta sábia diz que se seguires o coração partirás a cabeça, e se seguires a cabeça partirás o coração; a resposta prudente recomenda que tomes uma cadeira e te sentes, esperando que algum coração ou alguma cabeça venha partir-se em ti; e a resposta que move o mundo incita a que sigas o impulso mais forte, seja ele o da cabeça ou o do coração. Assim-como-assim nunca há a certeza de que um impulso do coração não seja apenas uma ilusão da cabeça, tanto quanto uma tontura não possa ser um achaque do coração.

- E não me perguntes mais pois não sei mais. A sabedoria é uma coisa muito pequena, muito menor do que a ignorância. Se pretendes insistir numa resposta directa e simples pergunta aos ignorantes, esses têm resposta para tudo.



A queda da máquina

O senhor A, operador da imponente máquina, foi interrompido na atenção que dispensava ao monitor da descomunal broca pelo toc toc de alguém que batia na porta; abriu, era uma Ciconia ciconia de mala na asa e expressão carrancuda, que o enorme bico, apontado ao chão, tornava mais ameaçadora.

A ave não disse nada, mas deixou clara a sua irritação pateando o chão durante alguns segundos, após o que bateu a asa livre de bagagem, volteou numa espiral apertada e elevou-se no ar. Perto da extremidade da lança da enorme furadora soltou um peido aterrador que fez estremecer a maquinaria, já em equilíbrio periclitante à tona daquele terreno instável.

O senhor A apenas teve tempo de saltar para fora da cabine, aproveitando a porta aberta a que a cegonha obrigara, enquanto a pesada máquina colapsava estatelando-se no areeiro barrento, lodoso e salitroso. E a máquina ali ficou.

Na cidade, tomaram o ruidoso peido por um dos muitos trovões que povoam as altitudes electrizantes daquele dia invernososo, e continuaram a sua vidinha de degredo adentro, nas máscaras individuais, ignorando que o transporte dos futuros bebés ficara irremediavelmente comprometido.

Perante tal panorama dramático os especialistas questionam-se se valerá a pena esta população despende energias nas funções reprodutivas?!

Moral da história: Sabemos bem que são as máquinas perfuradoras que recolhem os bebés do seio da Terra; ora, com a máquina, assim, inoperacional, vai ser muito complicado nascer em Lagos.



Tapada de S. João, Novembro de 2020

A queda da gente

A degradação do ensino e das culturas tradicionais, a par da estupidificação das massas, das permissividades confundidas com tolerância, e dos modismos que pervertem deliberadamente os antigos valores do progresso, do humanismo, do iluminismo, e até do marxismo, são as novas ideologias demenciais: o indígena-vítima; a *cancel culture*; o neo-feminismo; o anti-especismo, a teoria de género; o movimento *woke*; a novilíngua; o radicalismo vegan; o criacionismo; o terra-planismo.

Todas essas e outras tantas convergem na aversão à civilização ocidental, que pretendem derrubar. E, hoje, já têm poder para isso porque são mediaticamente hegemónicas, culturalmente dominantes, e triunfalmente aclamadas politicamente, pois não têm pejo em recorrer à mais vil e desonesta actuação intelectual, nomeadamente classificando como 'discurso do ódio' todo e qualquer exercício de contraditório ou simples manifestação da liberdade de pensamento e de expressão.

São estas as imposturas que executam o declínio intelectual, mental, moral, económico e social das culturas ocidentais, as quais serão substituídas, na sua relevância mundial, por sociedades autoritárias altamente competitivas e ciosas das suas culturas e valores, ainda que pouco ou nada humanistas e democráticas, mas onde aqueles modismos estupidificantes não penetram.

Há muito que o espectáculo cómico-degradante cilindrou a estética *kitsch*, o movimento *chunga*, e aquele *je ne sais quoi* kafkiano que tempera o quotidiano noticioso ocidental, e tomou conta da política; de toda a política.

São às centenas, os episódios da intensa competição a que os políticos de hoje se dedicam para chegar ao top do *nonsense*. Presa de um pós-modernismo acéfalo, a cultura ocidental assiste, indiferente, à sua decadência que corre velozmente.



Relendo o que é importante

As obras clássicas reflectem a cultura de um povo ou de um período da história da humanidade. Muitos leitores temem os clássicos porque os consideram difíceis de ler, frequentemente sem sequer o terem tentado. Mas a sua leitura é importante porque o conhecimento que transportam é útil para a formação intelectual. Tratam-se de obras intemporais que abordam temas incontornáveis na existência da humanidade, o amor, a vida, a morte. Um clássico nunca perde actualidade porque os temas universais são sempre contemporâneos.

Um clássico é um livro que nunca acabou de nos contar tudo o que tem para contar. A habilidade do autor de uma obra clássica, em recriar a realidade de acordo com o seu ponto de vista singular, permite ao leitor contactar com diferentes e variadas perspectivas de olhar o mundo, desenvolvendo uma atitude crítica perante a vida.

Todas as criações actuais carregam alguma influência de inspiração nos clássicos; a animação "O Rei Leão", baseou-se em "Hamlet" de William Shakespeare. E é apenas um exemplo entre milhares.

Os clássicos são obras desafiadoras, quer pelo estilo único do seu autor quer pelo vocabulário erudito, que constituem estímulos para a mente; e oferecem sempre algum tipo de conhecimento e sabedoria enriquecedora.

"Os clássicos são livros que quanto mais se julga conhecê-los por ouvir falar, mais se descobrem como novos, inesperados e inéditos ao lê-los de facto" [Italo Calvino]



Antes homem de paradoxos do que de preconceitos

O preconceito está presente no cotidiano e manifesta-se de várias formas: nas diferenças raciais, de condição socioeconômica, de religião, de cultura, da aparência física, da sexualidade, etc. Todos temos preconceitos, em maior ou menor grau. Por vezes deixamos esse sentimento transformar-se em atitudes que magoam o outro, o diferente, discriminando-o abertamente ou de forma camuflada.

Conscientes de que não somos perfeitos, devemos procurar conhecer-nos melhor e a partir daí poderemos lidar com a nossa tendência preconceituosa, identificando também aquilo que resulta de influência externa, que vem de outros, e refletindo sobre isso.

Este é o primeiro passo. Respeitar o semelhante e compreender que cada pessoa é diferente, e aceitar que a outra pessoa tem direito a ser diferente, é o segundo passo para erradicarmos o preconceito.

Ao longo do século XX, a humanidade presenciou momentos importantes que marcaram a luta contra os preconceitos que permeiam as sociedades desde há séculos. Racionalmente, nada justifica a discriminação, nada justifica o preconceito, seja ele político ou social, de cor ou credo, ou sobre qualquer tipo de deficiência.

Não é fácil lutar contra ideias enraizadas subliminarmente, muitas vezes heranças milenares da humanidade, e embora as coisas já não sejam como eram há 30, 50 ou 100 anos, ainda existem inúmeras barreiras por ultrapassar, seja contra a discriminação racial, social ou sexual, para referir as mais notórias e mediáticas, seja contra inúmeras outras formas de segregação que exercitamos no dia-a-dia, muitas vezes sem nos apercebermos disso.

Nestas batalhas contra o preconceito a arma fundamental é a Razão, que se ergue contra dogmas, opiniões, vícios e irracionalidades de toda a sorte.

É um exercício fundamental.



Saudades do futuro

Com sorte, vivemos três infâncias, a nossa, a dos nossos filhos e a dos nossos netos, e isso talvez constitua o maior tesouro da vida, acreditando-se que é na infância que ocorrem as provas mais intensas e valiosas que se podem viver.

Ser avô pode ser uma experiência diferente, mas não menos enriquecedora do que a de pai. Como avós estamos mais livres para interagir com os netos como se tivéssemos a sua idade emocional. A natureza da vida é surpreendente, pois quando começamos a envelhecer dá-nos filhos e netos para, em certa medida, continuarmos a ser crianças; porque é indiscutível que boa parte da felicidade que tanto procuramos reside num coração de criança, mesmo que uma vida já longa force o corpo a testemunhar outra coisa.

A nossa existência torna-se infinitamente extensível através dos netos e do compromisso de continuidade que cada um deles transporta. Esta realidade deve ser a única esperança de imortalidade que temos ao nosso alcance pois, muitas vezes, é apenas através dos descendentes que podemos deixar algo para a posteridade.

O meu neto é a promessa de um futuro de que já tenho saudades e por isso lhe deixo este conto do menino e do golfinho, tendo por cenário a Meia Praia e a baía de Lagos.

Era uma vez um pescador que tinha um filho que gostava muito da praia, de observar os barcos na baía, que iam e vinham da pesca, e também gostava muito de ir à pesca com o pai, admirando os golfinhos que nadam à frente do barco, saltando velozes e contentes.

Na praia ele encontrava sempre interessantes seres, desde pequenos caranguejos peludos, estrelas-do-mar agitando os seus incontáveis pés ambulacrários, centenas de lebres-do-mar, também chamadas vinagreiras, que o menino gostando de ver voar dentro de água, e as algas castanhas ou verdes, rendilhadas ou parecendo alface; e as saborosas condelipas que era preciso desenterrar da areia e rapidamente apanhadas, e os de ovos de choco que pareciam cachos de pequenas uvas negras, ao contrário dos ovos de lula, agregados em claros pendentos de formas oblongas, ou ainda os curiosos seres gelatinosos que as correntes faziam encalhar no extenso areal. E as conchas e cascas calcárias de toda a espécie de bivalves. Um mundo de coisas e seres admiráveis.

Um dia em que o jovem acompanhava o pai na pesca, sentiram a rede muito pesada e, com espanto, verificaram que nela estava preso um jovem golfinho que, muito aflito, lutava para se libertar e regressar para junto da sua família. Logo, pai e filho trataram de cortar a rede e soltar o golfinho, devolvendo-o livre às águas da baía.

Passados alguns dias, de novo o jovem acompanhava o pai na sua pescaria quando, estando de pé sobre o banco do barco, para observar melhor o horizonte, o movimento rápido da rede que saía borda-fora empurrou-o e ele, desequilibrando-se, caiu ao mar.

Debatendo-se para não ir ao fundo com o peso das botas cheias de água, e esperando ajuda do pai, que se encontrava no outro extremo do barco, o menino ia ficando aflito à medida que os segundos decorriam e ele ia cada vez mais para baixo.

Subitamente, ouviu perto de si uns estalidos e uma sombra que passou rápida para logo depois sentir que algo o agarrava por trás, pelo colarinho da camisola, e puxava para cima. Era um golfinho que, dessa forma, o fez emergir e o empurrou para o barco onde o seu pai, em pânico, ia-se atirar ao mar para o salvar, depois de desembaraçado das botas e da pesada vestimenta de marítimo.

Já a salvo, dentro do barco, assistiram a um emocionante espectáculo, vendo o golfinho dar saltos e volteios, produzindo guinchos estridentes e parecendo sorrir. E, então, reconheceram, pelo seu tamanho de juvenil e pela cor da pele, que se tratava do golfinho que tinham salvado das redes.

A partir de então o menino e o golfinho passaram a brincar juntos na praia, nadando, saltando e atirando de um para o outro uma pequena bola de cortiça.

Moral da história: - Já estás a dormir, Simão, ou ainda não?!



Um drone eficiente

Quando eu era pequeno a minha mãe tinha um drone, aliás, tinha dois. A curta distância, o drone era certo no voo e no alvo, a longa distância era uma ameaça temível cuja perspectiva me fazia acelerar o passo quando, finalmente, ouvia o enésimo brado para regressar a casa. Voava, planava, aterrava e, por vezes, abrasava. Era um drone educacional e educativo.

Eu também usava dois desses chinelos a que chamávamos ‘enfias’ – assim denominados justamente porque bastava enfiar neles o pé. Mas os meus não eram drones animados de energia pura, salvo quando escondia um e encolhia os ombros, surpreendido com o inusitado desaparecimento do calcante plastificado, que me impedia de ir à ‘explicação’ (a ‘escola paga’, que ajudava a aprender aquilo que a mente preguiçosa não retinha da aula na escola oficial) para grande desespero da minha madrinha Adelina, conserveira reformada, a quem eu ficava entregue naqueles períodos vespertinos.

E então aproveitava, matreiramente, para substituir a aula de aprendizagem por uma tarde de brincadeira no quintal, em cima de uma câmara-de-ar de automóvel insuflada, fingindo um *hovercraft* a desbravar rios e terrenos pantanosos e dunares.

Eram aventuras porreiras, com episódicas mangueiradas de água refrescante desviada do abastecimento do tanque de lavar roupa. Mas a idílica tarde terminava por volta das 18 h, com a chegada do dueto de drones matriarcais, preparados para um decidido contacto imediato de proximidade.

Curiosamente, ou talvez não, era mais ou menos por essa altura que aparecia o tal chinelo perdido, surpreendentemente encontrado debaixo de uma cama ou atrás de um frigorífico, sem que se soubesse como raio lá tinha ido parar.

E asseguro-vos que o drone da minha mãe era bestial, sempre de baterias carregadas e capaz de intensivos zurzires, exímia pontaria, e de mirabolantes voos nocturnos. Enfim, outras tecnologias.



Mudam os tempos, mudam as verdades

Para atingir as metas climáticas, temos de desenvolver as energias renováveis e continuar o programa nuclear. Hoje, o nuclear representa cerca de 20% do total de energia produzida. Até 2050 deveríamos atingir os 30 a 35% de produção de energia pela via nuclear, o que seria uma percentagem viável, seguindo a tendência actual. Porém, bem sabemos que nem tudo são rosas na energia nuclear, e é fundamental resolver problemas como: o abastecimento de água para arrefecimento das centrais, pois a água é cada vez mais um bem escasso; e eliminar o problema da produção de lixos radioactivos, p. ex.

A solução para isso assenta no salto tecnológico que terá se ser dado, evoluindo para as centrais nucleares de fusão e desactivando as actuais centrais de fissão. Já se conseguiram realizar reacções controladas de fusão mas o ganho de energia é ainda reduzido.

As centrais de fusão nuclear, quando comparadas com as de fissão, são mais poderosas, pois produzem mais energia com a mesma quantidade de combustível; muito mais seguras, dado que o combustível entra para o interior do reactor à medida que é consumido; e são amigas do ambiente porque o combustível radioactivo é produzido no interior do próprio reactor e não há lixos de longa duração.

As fontes tradicionais de energia não serão suficientes para garantir as exigências e necessidades de toda a população do planeta. No estado atual do conhecimento científico e tecnológico, a fusão nuclear é a tecnologia que apresenta melhores perspectivas de sucesso. Mas não podemos excluir a possibilidade de se desenvolverem outras tecnologias de produção de energia, tão boas ou melhores do que a fusão nuclear. Quanto maior a variedade de fontes energéticas, e sua adequação ao ambiente e às exigências do consumo, melhor para os consumidores e para o planeta.

A solução consiste em nunca parar de investigar e de procurar as fontes energéticas mais eficientes e mais amigas do ambiente.





Wokes e cancelados mentais

Só os falsos media, que existem apenas para vender publicidade ou prestar serviço de clientelismo partidário, e os políticos mentalmente corruptos, dão ouvidos aos burgessos da *cancel culture* e do pensamento *woke*.

A cultura de cancelamento (*cancel culture*) é uma forma de ostracismo dirigido a uma pessoa ou a um grupo, visando expulsá-lo de uma posição mediática e de influência devido a atitudes não conformes com a ideologia social da matilha. É uma espécie de boicote a um indivíduo que emitiu uma opinião questionável ou controversa, ou que tem ou teve um comportamento considerado ofensivo. Frequentemente, é uma forma de atacar aqueles que pensam pela sua cabeça e não enfileiram no pensamento *mainstream* ou no politicamente correcto. Esta "cultura de cancelamento" é uma nova forma de intolerância, que dificilmente pode ser entendida como crítica pois os seus praticantes são, regra geral, pessoas de deficiente formação cultural e intelectual, com profundas limitações mentais. Estes actores são os modernos censores, à imagem dos censores dos regimes totalitários, fascistas e comunistas, do passado e do presente.

Woke ("stay woke" – mantenha-se desperto, acordado, atento), é um termo político com origem afro-americana, relativo à percepção e consciência das questões sociais e raciais. No final da primeira década do novo milénio, o termo foi adoptado com um significado mais amplo, associado às políticas de uma certa 'esquerda caviar', do movimentos feminista, do activismo LGBT e de outras causas culturais. O movimento *Black Lives Matter* é exemplo de uma das materializações da *woke culture*.

«O "*woke capital*" já é muito visível em empresas, sobretudo com a causa *gay*, no entanto, os acontecimentos recentes com George Floyd, mostraram-nos marcas como a Reebok/Adidas a cancelarem parcerias com a Crossfit porque o CEO desta marca criticou os protestos afirmando que em tempos de pandemia era algo que não fazia sentido.»

A *cancel culture* e a *woke culture* enformam a nova classe de sectários das lutas identitárias que bebem nos filósofos franceses órfãos do marxismo, como Foucault e Derrida, as suas crenças radicais de desconstrução e desmontagem da sociedade. Paradoxalmente, ou melhor, estupidamente, são progressistas que detestam o progresso.

A teoria da raça que defendem assegura que os brancos foram, são e continuarão sempre a ser racistas. O saber interessa-lhes pouco mais do que o necessário para ser instrumentalizado ao serviço do poder em nome da ideologia/religião que professam, se necessário condenando a ciência e os factos.

Em síntese, e de forma simples e clara, estamos perante um dogma digno da mais insana religião, que postula isto: Se uma empresa funcionou bem e gerou lucros, isso é mau, mas se uma IPSS ou um Banco Alimentar absorve dinheiro dos contribuintes, isso é bom, mesmo que em muitos casos nunca resolva os problemas a que se propõe.

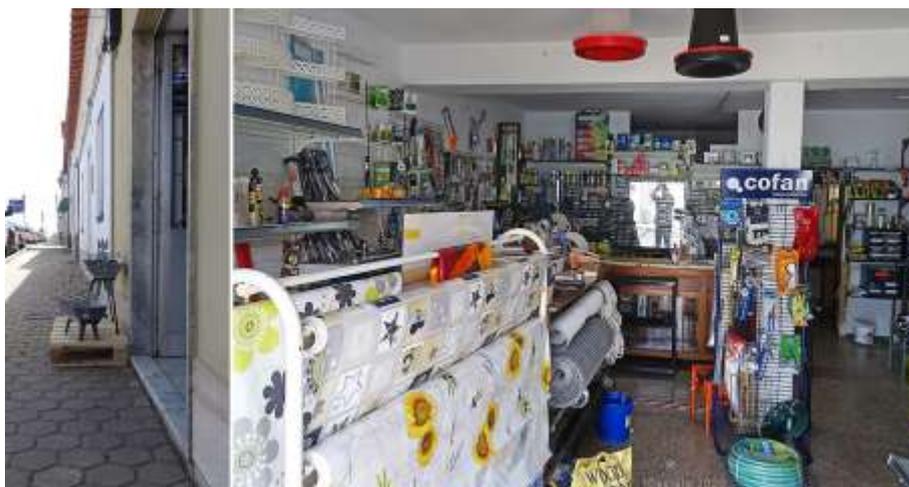
Desconfinando viajando

Se dissesse que gosto de viajar estaria a mentir, mas reconheço a importância dessas deambulações na formação e instrução do indivíduo. Por isso, e estando de férias, resolvi efectuar uma viagem até ao... Odiáxere.

A palpitante vila do barlavento algarvio que, como sabem, está situada entre o barrocal decorado com a imponente barragem da Bravura, e o litoral emoldurado pela magnífica Meia Praia, recebeu-me muito bem durante os vinte minutos que por lá estive.

Não tendo tempo para visitar tudo, porque é muito o que naquela vila se pode apreciar; fiquei-me pela rua principal onde, numa resiliente casa comercial, ao estilo de outros tempos, se apresentavam logo à entrada, qual guarda de honra, dois auspiciosos fogareiros, daqueles onde se podem assar eficientemente as anafadas e saborosas sardinhas da época.

E havia tanta coisa dentro daquela eterna droguaria, que mais me pareceu estar num estonteante museu rodeado de peças de design antigo que se misturavam com outras de arte contemporânea, numa disposição que faria inveja às galerias mais requintadas de Manhattan.



E qual Louvre, nem qual carapuça; se nem a Mona Lisa chega aos calcanhares de qualquer calendário regional ou cartaz de produto químico existente naquela fantástica loja?!

Fui muito bem recebido pela curadora do espaço e adquiri 4 excelentes mosquetões/porta-chaves que há tanto tempo procurava erradamente em lojas de inspiração oriental.

Foi uma viagem marcante que certamente repetirei... num ano destes.

Obrigado à Fátima Santos, e à sua loja onde invariavelmente acabo por encontrar aquilo que preciso.

O *ferry* bote para a Meia Praia

Descíamos do largo passeio da avenida pela escadarias de alvenaria, domínio dos marítimos, transpúnhamos as pedras escurecidas pela acumulação da patine das marés, tentando agarrar algum “arranha-camisas” (*Pachygrapsus marmoratus*) desprevenido só para lhe arrancar as patas, e atravessávamos a vau, na baixa-mar - mais ou menos em frente à actual entrada para o porto de pesca - evitando os buracos mais fundos mas atentos à vida marinha que se escapava levemente à nossa aproximação.

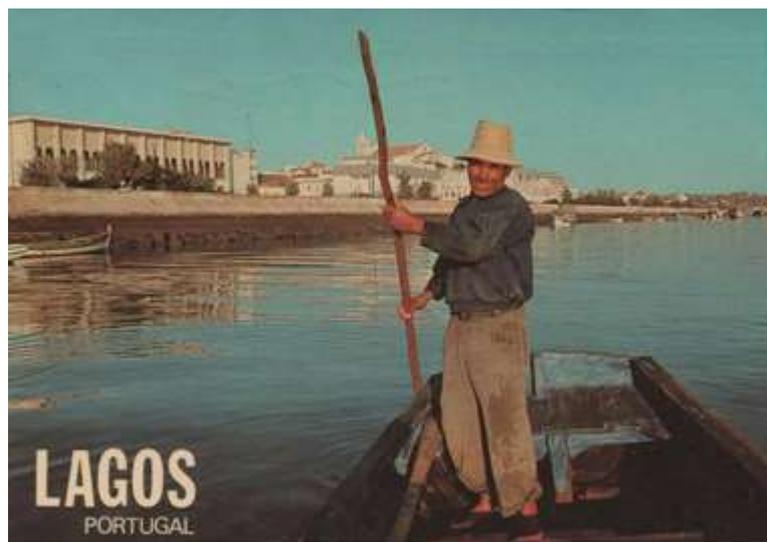
Do outro lado, o enorme areal misturado com lodo exibia os buracos dos caranguejos “boca-cava-terra” (*Uca tangeri*), dividido em fracções pelos cabos de amarração dos botes e lanchas que naquele estuário tinham o seu porto de abrigo – eram como linhas divisórias de nylon verde, escurecidas pela acumulação de pequenas algas da mesma cor.

E quando a maré ia alta atravessávamos no bote a remos dos irmãos “ranhuças”: o Armindo, o Manuel e o Vicente (ou Francisco, não sei bem). Para que o remador não suspeitasse que não pagaríamos a viagem confirmávamos o custo, mostrando a moeda de um escudo. Por vezes, quando íamos em grupo, não pagávamos, saltávamos para terra sem aguardar o pedido do pagamento devido ao incansável remador. Era um imperativo de esperteza, mostrar aos camaradas que se sabia ser ludibriador e desenrascado, ou que não se tinha uma moeda e aquilo que se mostrara ao barqueiro, à distância, não era mais do que uma carga espalmada de alguma velha e artesanal pandeireta.

À volta, já sabíamos que se estivesse de serviço o mesmo remador, não nos deixaria entrar na barca e então a alternativa era nadar ou, para os menos afoitos, o percurso longo do caminho até à estação da CP, ou atalhando pelo estaleiro, onde invariavelmente se acabava por dedicar algum tempo a apreciar as obras de reparação e, mais frequentemente, a admirar a morte lenta dos barcos de pesca ali encalhados à espera da podridão.

Essa alternativa pedestre nem sempre era penosa, sendo, até, algumas vezes rentável, no içar furtivo das joeiras que, amarradas aos varões das guardas da ponte, armadilhavam saborosos caranguejos. Enquanto o seu dono tomava uns copos na venda ali próxima, no outro lado da avenida, nós enchíamos um saco ou uma camiseta, com os estrebuchantes caranguejos avermelhados.

Era a ida à Meia Praia e o regresso à cidade, num pedacinho de paraíso da nossa juventude.



Dos homens do mar...

... Que têm um repertório fabuloso de feitos inacreditáveis. Eu ouvia-os nas tardes de jogatana de Truque, numa tasca perto do Cemitério. E guardei esta história de um Zé Imaginário que, presumo, não obstante o nome, fosse pessoa real. Era homem da traineira, e numa ocasião em que era imperioso mudar a dita traineira de amarração devido ao Sueste forte que se aproximava, o Zé Imaginário integrou um pequeno grupo de camaradas que foi, para esse fim, a bordo da traineira, a qual estava amarrada a um dos blocos de pedra do molhe; era assim nos anos 60 e 70, e antes.

A páginas tantas, o resoluto Zé Imaginário mandou afastar os camaradas que não estavam a dar conta da situação ao pretenderem puxar a amarração, e, sozinho começou a puxar o cabo, só que em vez da traineira avançar aquilo que seria necessário (talvez apenas para folgar o cabo), foi o enorme pedregulho que se desprendeu do molhe, e que o Zé Imaginário içou para bordo.

E eu ouvia aquelas palavras e imaginava o super-homem marítimo a içar um pedregulho daqueles, pesando para cima de uma tonelada.

Não há dúvida alguma acerca da herança dos feitos mitológicos da época clássica, os pescadores lusos são os últimos dessa estirpe de heróis como Aquiles, Hércules, Jasão, Teseu, e outros.



Siga a Peste!

Parece que a peste já lá vai. Pelo menos vai para aqueles que nunca lhe ligaram nenhuma, uns tais negacionistas que só se convertem à realidade quando chegam à cama do hospital entubados e drogados.

Quer a peste tenha sido afastada pela chuva lamacenta das areias saáricas com que a ventasga de Levante nos brindou, quer devido ao bicho andar atordoado com tantas vacinas e reforços vacinais, a verdade é que em consequência desta pandemia adquirimos hábitos que dificilmente iremos reverter.

Falo por mim, que já não ando de mota sem usar a indispensável máscara. Não por temer que algum vírus covidesco desgarrado venha esborrachar-se-me no rosto mas porque este vulgar preparo carnavalesco evita a ingestão inesperada de insectos errantes, de má aptidão voadora e gustação horrível própria de cenas apanascadas gourmet ou de proclamadas dietas mediterrânicas, ambas bacoquices inventadas para ludibriar palermas.

E para além dessa mascaritude, também ganhei o vício ('adição' é vocábulo de parolos) de manter o jorro prosapial que amassa umas rasgadelas de ficção com perdigotos de realidade, materializado neste dissimulado diário da pestilência.

Sendo certo que a vida contará sempre com o tempero de algum tipo de peste, seja derivada dos desmandos ambientais que os humanos de inflada cupidez e farta ignorância provocam, seja pelo fedor que exalam certos indivíduos mergulhados em vãs grandezas e pedantismos, seja ainda pela proximidade de uma lixeira a céu aberto; prevenido estou com este diário que continua o progresso de evacuação dos dejectos mentais que a vivência pungente nesta sociedade me provoca.

E para aqueles que estranham a retirada táctica da peste - sinal que não percebem nada de guerras -, resta-lhes chamar o UBER mais próximo e atirar ao motorista, em voz clara e forte para não se perder tempo:

- SIGA AQUELA PESTE S.F.F.!





Das teias das aranhas

As teias de aranha são feitas a partir de fios de seda compostos basicamente por proteínas produzidas a partir de três tipos de aminoácidos: glicina; prolina; alanina. Esta seda possui ainda compostos gerados para sua própria conservação, como a pirolidina, e o fosfato e o nitrato de potássio, que lhe confere proteção contra fungos e bactérias.

Produzidos no abdômen da aranha, pela glândula sericígena, a substância em estado líquido sai pelas fiandeiras (pequenos tubos existentes na glândula) e solidifica assim que contacta com o ar, resultando num fio cinco vezes mais forte do que o aço. Para além da enorme resistência mecânica também possuiu uma elasticidade notável, duas vezes mais do que o nylon, podendo esticar até quatro vezes o seu tamanho original. Características surpreendentes, para algo que possuiu a espessura de um décimo de um fio de cabelo.

Na foto, a aranha *Argiope lobata* envolve uma presa na sua seda e faz lembrar aquelas pessoas medíocres que, pouco sabendo fazer, mas sendo exímias na arte de se insinuarem nos mais diversos meios e ambientes, sociais ou políticos, acabam por se empoleirar em posições altaneiras de onde ganham visibilidade e obtêm informação privilegiada, que traficam em seu proveito.

Essas criaturas peçonhentas, que enojariam qualquer tipo de aracnídeo, criam, a partir do seu poleiro, uma teia de informadores e lambe-cús a quem agradecem episodicamente com umas louvaminhas, uns salamaleques, ou umas aspirinas que têm lá por casa; e assim constroem uma opulência social - quando não económica, mas imoralmente obtida - e passam por gente importante junto de pessoas distraídas e da ralé ignorante.



(In)Consciências

A consciência de si e dos erros cometidos é uma coisa medonha. Por vezes invejo os canalhas que não têm essa consciência e vivem folgadoamente tirando vantagem das intrujices que praticam no dia-a-dia.

Ao invés desses calhordas tendo a censurar-me em demasia, flagelado pela consciência condenadora de burrices há muito vencidas. E também devido à herança cultural, com os seus valores beluínos: o pecado, a contrição, o castigo; correctivos que, se eu deixasse, haviam de me atormentar muito mais do que um cilício punitivo. E por tão minguadas palermices.

Quanto aos canalhas, inflados de moralismos e virtudes, que se alçam a cidadãos exemplares, lobos vestidos com pele de cordeiro, há-os de todos os estratos e condições sociais, económicos e profissionais.

O leitor conhecerá o técnico que ‘desvia’ clientes do serviço público para o escritório/atelier do amigo; vendendo mais do que simples trabalho, traficando a influência e a manipulação daqueles cordelinhos que muito movem neste país.

Ou aquele esculápio que entra pela casa do paciente, que o não chamou porque já seguia tratamento com especialista, e que, sob a desculpa do “viva, sr. Manuel, passei perto e vim ver como estava”, após medir a tensão arterial, e dar dois dedos de conversa, apresenta a factura da consulta ao domicílio; consulta não solicitada. Ou os passeios ao mundo rural dos arrabaldes onde, oportunisticamente enche a vistosa viatura todo-o-terreno com produtos hortícolas a custo zero lembrando, à paciente campesina, que não se esqueça de passar pelo consultório para pagar a “consulta” em que foi auscultada.

Ou, ainda, aquela madame muito popular, empoleirada na política, que se infiltra na lista e se faz eleger exclusivamente para tratar dos seus interesses particulares.

Uns e outros usando o estatuto social para traficar influências, sempre com vista ao seu enriquecimento material pessoal, ou familiar.

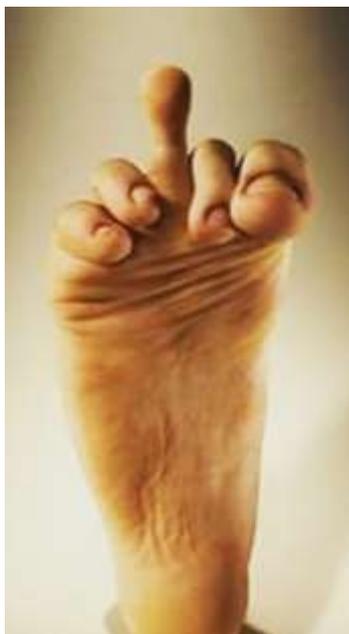
E não podemos esquecer os eternos subservientes e lambe-cus, sempre catando as migalhas do erário esbulhado, que os desavergonhados distribuem, fazendo notar o grande favor e a supina atenção que dispensam a tais papalvos.

E ai de quem se meter com esta gente, vê-se a contas com uma máfia que não tem pudor em envolver autoridades que lhes devam favores, para acções pírias e de duvidosa legitimidade; instar apoio de colegas em nome da solidariedade corporativa; relatar aos notáveis pares, e a outros pouco notáveis, supostos segredos e vícios dos seus alvos; e colher anuências para os seus enredos viperinos na ralé subserviente e acéfala.

O rol destas criaturas de baixa moral é considerável. Também inclui alguns patos-bravos e novos-ricos que, a construir caixotes de cimento para alojar turistas ou a vender repastos rápidos travestidos de comida tradicional, amealharam os milhões que cristalizaram a sua tosca ignorância. Alguns, até compraram livros às centenas e pechisbeque à dúzia com rótulo de antiguidade. Dos livros não usam mais do que a beleza da capa como peça decorativa nas estantes da vivenda; das relíquias apenas aproveitam a patine falsa que fascina ignorantes e o brilho lantejoular que encanta palermas.

Acontece numa qualquer cidade de província, um congresso de parlapatões num lupanar de vaidades, sob o aplauso de uma turba de inconscientes.

Assim vai a Peste.



Pois, não votei

Considerando que a abstenção, o voto nulo e o voto branco, valem exactamente o mesmo, ZERO, porque raio aqueles que votam se irritam tanto com os que não votam? Se os da CDU acusam os do PSD de estarem errados, e os do CDS acusam os do BE da mesma coisa, e vice-versa entre todos os partidos, porque se apressam todos a acusar aqueles que não votam?

Se para uns os outros não prestam, porque é estranho que para 50% do eleitorado nenhum dos partidos preste? Até parece que a convicção de que em Portugal não existem partidos honestos (intelectual ou moralmente) não pode ter legitimidade.

Nesciamente, acreditam que se as coisas não estão melhores é porque metade, ou mais, da população não vota?! E se fosse ao contrário, se afinal de contas se descobrisse que se as coisas não estão tão boas, é por culpa de quem vota?! Será que nem lhes passa pela cabeça que aqueles que votam são, para aqueles que não votam, os cúmplices assumidos da 'merdocracia' que temos?! E que não votar é uma forma de protesto para quem não aceita que só existam duas opções de sistema, o totalitarismo ou a democracia corrupta?!

Tem de existir uma atitude mais honesta, ética e racional de fazer política. Ora, como não é isso que se verifica na nossa democracia, não votar é dizer aos partidos políticos: «Não aceito participar na vossa concepção de exercício da política, corrijam-na!».

E existem, ainda, uns cérebros mirrados que chicoteiam: «Se não votas não tens direito a queixar-te!» Ora, todo o contribuinte que paga esta farsa, a roubalheira, os bodos e a festa, tem direito a criticar o que fazem e não fazem com os seus impostos e, mais, tem direito a criticar inclusive os concidadãos que participam e alimentam esta palhaçada, votando. Ora vejam lá, e os votantes que se achavam moralmente superiores! E este texto é resposta a um desses cérebros.

É verdade que as eleições para os diferentes órgãos políticos, europeus, nacionais e locais, possuem um carácter diferente, mas são as eleições legislativas que marcam a política nacional e conferem a essência da nossa democracia, que é manifesta e grosseiramente amoral, e mental e materialmente corrupta. E isso condiciona o resto, nomeadamente a mobilização para participar, apoiar e votar em quaisquer eventos políticos.

Não voto, mas ao contrário dos que votam não ando a vender a minha opção aos outros, não ando a gritar NÃO VOTES! Não incentivo ninguém a não votar; essa é uma decisão que cada um deve tomar por si, como resultado da sua reflexão sobre a realidade e as expectativas para o que gostaria que ela realmente fosse.

E se estiver errado, não estarei mais errado que qualquer um dos outros, no escrutínio de terceiros... de partidos diferentes. Portanto, metam a viola no saco e vão tanger para outra freguesia, que aqui não encantam ninguém.

Não me sinto culpado

As decisões racionais tomadas por um povo mentalmente corrupto só podem acontecer por acaso,

i.e. a maioria das decisões serão sempre estultas; e então para quê perder tempo a votar, a colaborar (mais do que aquilo a que já sou obrigado, como qualquer cidadão) na manutenção da democracia falaciosa e no embuste da participação política?

Não votei porque mesmo que o meu voto (e o de milhares de abstencionistas como eu) tivesse alterado alguma coisa, não teria mudado o que é verdadeiramente importante, a natureza distorcida do sistema, da cultura do desleixo e da corrupção; e sem isso se alterar nada mudará verdadeiramente.

Ou seja, com A, B, ou C a governar, o resultado será sempre idêntico: o povo é como é, burgesso; a autonomia económica é o que é, inexistente; e a cultura, que já foi qualquer coisa, é hoje apenas um monte de lixo modernista.

Destruímos a instrução; renunciámos à educação; desinvestimos do ensino; torpedeámos as tradições na voracidade de uma crítica demolidora (que até poderia ter sido construtiva) das heranças culturais judaico-cristãs; relativizamos os valores do humanismo e do racionalismo, substituindo-os por uma miragem de multiculturalismo e uma vontade insana de amalgamar tudo num lodo identitário e igualitário: anti-especismo; teoria de género; wokismo; novíngua; radicalismo vegan; etc.

Enfim, à tentação do pecado, na velha asserção medieval, temos uma nova tentação totalitária da modernidade, mas agora numa formulação que assustaria o próprio Karl Marx. É a decadência civilizacional, ponto.

Sim, admito que posso estar errado, pois não tenho a presunção da Sabedoria, mas como os outros não me convencem da assertividade das suas convicções e das consequentes opções, evito participar naquilo que considero inútil, e disso não me sinto culpado.

Siga o andor, que as velinhas já vão acesas*.

* 'de vela acesa' é, em certo vocabulário popular, estar com os copos, embriagado.



Mais um episódio de ficção... peixeira

Encontro muitos conterrâneos (algarvios barlaventinos) que não sabem o que é MUXAMA. O termo provém do árabe 'musama' (seco), conhecendo-se o seu uso no período da ocupação islâmica da península ibérica, embora o surgimento deste 'presunto do mar', tradicional no Sotavento do Algarve, como em todo o litoral mediterrânico, se deva aos gregos ou aos fenícios.

Muito do que encontramos por aí, à venda, é proveniente da Andaluzia onde é fabricado, tendo origem em atuns capturados no Atlântico.

A muxama (também moxama, muchama, ou mojama em espanhol) consiste numa tira seca e salgada de lombo de atum.

Depois de seccionado longitudinalmente e removida a faixa lateral mais escura, o 'sangacho' (correspondendo à linha sensorial do peixe), obtém-se a tira muscular com o comprimento do tronco do atum, que é justamente designada por Muxama.

Depois procede-se à salga, envolvendo-se cada tira em sal e empilhando várias tiras sobre camadas de sal de forma a ficarem completamente cobertas. Em seguida procede-se à prensagem submetendo-se a pilha a um peso de algumas centenas de kilos, normalmente são usadas pedras de faces regulares, cada uma pesando 20 ou 30kg.

Terminada a fase de prensagem, que pode demorar 2 a 3 dias, as tiras são lavadas em água corrente, esfregando-se a muchama para eliminar o sal, e depois mergulhadas em recipientes com água que é mudada várias vezes ao longo de 4 ou 5 horas.

Segue-se a secagem em câmara fechada e ar forçado durante um a dois dias conforme decorra o Verão ou o Inverno e, posteriormente, procede-se a secagem ao ar livre, à sombra, durante uns 8 dias (no Verão), ou duas semanas (no Inverno).

Métodos industriais mais controlados recorrem a uma câmara de secagem com uma humidade relativa de 60% e uma temperatura constante de 14°C. Dependendo da tipologia dos lombos (grossura e peso), ao fim de uns 10 ou 15 dias a muxama estará adequada para consumo.

Antigamente consumida por pescadores que a consideravam como o presunto de porco, hoje é um produto gourmet que tanto alimenta a tradição como desafia os entusiastas por novas experiências do palato; servida em finas fatias e consumida como aperitivo, singela ou acompanhada por qualquer outro acepipe.



Taberna do 'Toino', em Olhão
foto: Luís Torres



Dos grunhos

Esta imagem ressuma um ambiente de reduto masculino decadente, que a idade dos homens reforça, imóveis nos seus olhares ensimesmados. E a sensação do tempo parado, suspenso no pó das garrafas, nas prateleiras desarrumadas, na pequena boneca sentada sobre uma caixa/lata de bolachas que já terminou essa função, servindo agora para armazenar outra coisa qualquer útil à vida da tasca. Um tempo estático, até na inclinação do quadro que mostra o símbolo do SCP, periclitantemente recusando cair. E os sugestivos calendários de parede com raparigas mal despedidas ao lado do rádio que parece mudo. Só os bancos, vazios, desarrumados por gente que terá saído há pouco, parecem testemunhar alguma vida, que se ausentou. E até se adivinha o cheiro... a maresia?

.....

Uma razão para não se fazerem, nas redes sociais, apreciações deste cariz sobre fotografias, ou mesmo sobre textos, resulta do facto destes sítios se constituírem como antros de uma incomensurável fauna de iletrados. O texto acima não opera uma crítica sobre a realidade, antes traduz a sensação que a fotografia transmite. A foto e o texto foram publicados no grupo Olhão Antigo, do FB, onde alguns membros demonstraram incapacidade em estabelecer a diferença entre crítica e sensação.



Os jesuítas e o marquês

Passou na RTP Memória a série “O Processo dos Távoras”, em que o ministro do Rei, Sebastião de Carvalho e Melo, é apresentado como um político injusto, um funcionário prepotente animado de sanha persecutória contra nobres e religiosos. E a série retrata a sua actuação contra os opositores, nomeadamente contra aqueles que são apresentados como os seus maiores adversários: A ordem Jesuíta.

Ora, para além da nobreza caduca, refém do seu atavismo secular e da estagnação que representa, os jesuítas constituem o outro pólo desse imobilismo que resiste às reformas encetadas por Pombal na implementação do sistema político de Despotismo Esclarecido que constituiu o seu consulado.

Sobre os jesuítas convém lembrar que embora esses homens cultos tenham desempenhado um papel importante na difusão da cultura e da ciência (no início do século XVII acompanharam alguns dos progressos astronómicos de Galileu e chegaram a apoiar e complementar as suas descobertas), em meados do século XVIII recuaram a uma cultura do passado distante, opondo-se às extraordinárias descobertas da última centúria. Tanto assim foi que, em 1746, o padre jesuíta José Veloso, reitor em Coimbra, proibiu o estudo de Descartes, Gassendi e Newton, entre outros, assim como «*quaisquer conclusões opostas ao sistema de Aristoteles*».

A Companhia de Jesus tinha passado à posição de obstrução do progresso científico mas a sociedade tinha-se transformado radicalmente, e o conflito explodiu em 1759, com a expulsão dos jesuítas de todo o território português.

Independentemente de outras razões, mais triviais, moverem o 1º Ministro de D. José – interesses comerciais familiares no Brasil, eventualmente causticados pelos jesuítas –, o facto é que Sebastião de Carvalho e Melo, talvez doutrinado na dinâmica da política inglesa, que admirava, protagonizou o corte com a inércia da fidalguia que não preconizava nem deixava florescer progressos idênticos ao que outras nações registavam.

Os jesuítas nunca foram esses destacados portadores dos ideais humanistas, que alguns lhes atribuem. Uma abordagem antropológica à missão jesuíta no Brasil também é, disso, estudo bem revelador.

Com todos os erros que terá cometido no desempenho das suas funções, acrescentados pelas suas fraquezas e defeitos como pessoa, ainda assim o Marquês de Pombal reunirá um crédito de protagonismo benéfico para o Portugal dessa época, que os feitos da Companhia de Jesus e da nobreza coeva não terão logrado, sequer, imitar.



Apenas um f.d.p.

'Complexo de Napoleão' é a denominação de um suposto complexo de inferioridade que afectaria algumas pessoas de baixa estatura. Segundo essa crença, Napoleão compensava a sua baixa estatura ampliando continuamente o seu poder, praticando a guerra e somando conquistas. Uma belíssima teoria para justificar as atitudes de alguns líderes mundiais, como Putin, na actualidade.

Ora, curiosamente, Napoleão não era baixinho para os padrões da época, e nem sequer para os padrões de alguns países da actualidade. Não era uma grande figura, mas com 1,68m dificilmente se pode considerar um baixote. Vejamos outros exemplos: Kim Jong-Il (1,55m); Stalin (1,62); Putin (1,70m); Hitler (1,75); e Mao Tsé-Tung (1,80m, talvez inflacionada pela Revolução Cultural e o seu processo de revisionismo total?).*

Já houve quem catalogasse humanos com base nas dimensões do crânio; aliás, a frenologia até esteve ao serviço do racismo nazi que a usou para justificar a superioridade ariana, tal como já tinha estado ao serviço dos colonialistas do século XIX para estabelecerem a inferioridade dos colonizados africanos. E é claro que também temos a mística sabedoria popular: «homem pequenino ou velhaco ou dançarino» que serve bem para alcançar o mesmo efeito.

Querendo justificar uma coisa, ou o seu oposto, há sempre uma escola, uma teoria ou uma filosofia que se pode evocar, enquanto a Razão descansa sob o efeito de um soporífero. Porque se a acordamos da sua letargia teremos de equacionar, em primeiro lugar, o papel da educação, a formação moral e ética, a cupidez, a ambição desmedida; e só depois a inflamação do ego por quaisquer complexos de inferioridade ou insatisfação, quer advenham da estatura, do tamanho dos genitais, ou de algum trauma psicológico de infância.

Porém, usar a Razão implica uma enorme trabalhadeira. Em vez disso, e como é de uso moderno, abracemos qualquer teoria que se afigure plausível segundo os parâmetros da sociedade insana e paranóica em que vivemos.

Na verdade o tal gajo, pequenino ou grande, é apenas um f.d.p. nada mais.

*Não sei se Mao tinha mesmo 1,80m mas sei que a televisão engana muito. Retraturei, desde 1980, várias figuras mediáticas e fiquei surpreendido com a estatura de alguns deles que o pequeno ecrã fazia mais baixos do que realmente eram, casos de Alberto João Jardim e Mário Soares, entre outros.



Fado fundido

A saudade é o quarto estado psicofísico de um português, juntando-se ao corpo que corresponde ao estado sólido, à embriaguez crónica que denuncia o estado líquido, e às bufas de nervosismo, ou feijoada, que enformam o estado gasoso.

O geógrafo Jorge C. Arroiteia, da UAv, computou o montante da emigração portuguesa entre 1900 e 1975, e o resultado cifrou-se em mais de dois milhões de pessoas que saíram. Se fossem acrescentados os números correspondentes aos séculos anteriores, a cifra da diáspora portuguesa mais do que duplicaria. Assim, ser português é ter os melhores lá fora porque cá dentro não há hipóteses, o sistema não deixa. E com números assim como não teria, este povo, inventado o sentimento Saudade?! E, por isso, ser português é, logo à partida, ter saudades a rodos, saudades disto e daquilo, sobretudo das comidas da avó. E toda essa saudade é cristalizada no Fado.

Mas ser português é também queixar-se das intempéries, da má-fortuna e dos outros. Queixar-se do reumático e queixar-se que o tempo passa mas está tudo na mesma, e a culpa disso é dos políticos.

A nossa História não é fácil de assimilar, é longa e repleta de muitos episódios que estão para além do nosso embotado entendimento. No entanto, a relação dos portugueses com o seu passado colectivo é muito singular. Tendemos a efabular acerca desse passado e a viver um presente de ilusões, justamente por não aprendermos a História.

Ser português é ser herdeiro de uma longa e fantástica história embora só se conheça dela pormenores sórdidos ou hilariantes, e realidades distorcidas. E, entretanto, esperamos que tudo mude e melhore só por si, sem o nosso empenho e esforço. Na realidade, aguardamos sempre a acção de uma figura tutelar, um paizinho que cuide de nós; deve ser esse o nosso estigma sebastiânico.

Hoje, ser português também é acreditar mais facilmente nas tretas que se repetem nas redes sociais do que nas publicações científicas; ou ser amigo do nosso amigo, ajudando-o a driblar alguma lei, ou auxiliando uma velhinha a atravessar a rua mesmo que ela não a queira atravessar. E podemos não ser ricos, nem pontuais, nem organizados, mas, na nossa mediocridade, somos um povo muito mais simpático e acolhedor que qualquer outro. Isso é que somos mesmo.

Para emoldurar todo este cenário vamos cultivando o Fado, esse pranto de alma que surgiu há menos de 200 anos nos bairros de Lisboa e começou por ser interpretado por prostitutas e mulheres de pescadores, que podiam ou não voltar do mar, ou seja, por pessoas que sofriam.

Fado significa “destino” e nós acreditamos visceralmente que o nosso destino está traçado e que não há como fugir dele por mais impiedoso que seja, e por isso vamo-nos fundindo com o Augusto Hilário e com a Severa (a prostituta Maria Severa Onofriana 1820-1846), que Júlio Dantas exaltou como figura de fadista, a primeira conhecida.

Fundamo-nos.



Dos brinquedos e brincadeiras

BRINCAR! BRINCAR! Como é bom brincar: encavalitar peças, ligando-as, misturando cores e formas; empurrar os carrinhos como se possuíssem uma inesgotável bateria eléctrica; balançar as pernas dos bonecos como se tivessem animação própria para caminhar; pedalar, pedalar no triciclo como se a vitória da corrida e a camisola amarela disso dependessem; encher o balde de areia para edificar mais um prédio, ou um bolo; e partilhar algumas destas coisas com outro amigo e dele receber o empréstimo do tambor que rufa, ou da bola que se atira e recebe vezes sem conta.

As crianças pensam o mundo de uma forma muito própria. É a partir das relações que estabelecem com a realidade em que vivem, com o meio familiar e com as pessoas com quem se relacionam que elas começam a compreender o mundo. É a brincar que a criança desperta as suas habilidades necessárias ao desenvolvimento que será fundamental para a sua vida. O brincar que também possibilita superar a sua condição infantil, agindo como se fossem maiores, desafiando os seus limites, porque têm necessidade de agir como um adulto, isto é, de imitar o que os adultos fazem.

O brinquedo e a brincadeira desenvolvem a criatividade e a capacidade de tomar decisões; é a manipular os brinquedos que as crianças socializam, integram o espírito de grupo, aprendem a tomar decisões. Brincar permite, inclusive, conviver com diferentes sentimentos, demonstrando-os através das brincadeiras, ou seja, a criança expressa-se mais facilmente através dos brinquedos do que através do discurso oral, que ainda não domina.

Nos infantários as crianças são, frequentemente, divididas por salas com identificações sugestivas em sintonia com os estádios em que se

encontram: sala das Lagartinhas, para os mais pequeninos, sendo fácil imaginá-los progredindo a gatinhar pela sala; sala dos Pinguins, para os que já andam, embora de forma periclitante; sala dos Papagaios, para aqueles que falam pelos cotovelos; e a sala dos Leõezinhos para os que já se sentem destemidos. Em comum, todos brincam, todos gostam de brincar porque é uma ocupação agradável, porque sentem prazer em descobrir o mundo que os rodeia.

Tenho a certeza que o meu neto vai gostar de brincar com a parafernália lúdica que lhe passo: com os inúmeros bonecos de toda a espécie de animais; com os automóveis e os quarenta modelos de aviões; com as duas composições de comboios que deslizarão pelos carris, comandados por uma caixa eléctrica que os faz avançar ou recuar.... Mas, espero que o seu principal brinquedo seja a Natureza, porque na sua riqueza e variedade ela deve constituir-se, para a criança, como a primeira leitura do mundo. Ela supera toda a capacidade lúdica, educativa e formativa dos brinquedos criados por nós, por muito importantes que estes sejam para o desenvolvimento físico e da personalidade de uma criança.

Brincavam, o Pedrinho e o Paulinho, com os carrinhos sobre uma espécie de planta onde o tio Gaspar (tio de um deles, não sei qual) traçara a giz colorido ruas, casas, pontes, estradas, rotundas... e foi justamente numa dessas rotundas que se gerou a confusão e a sequente cena de gritos, bofetadas, arranhadelas e murros incipientes que toldou a pacatez da brincadeira que decorria no vão da escadaria do prédio. Dizia um, que era necessário encostar o Lancia azul à direita, pois se pretendia virar no segundo desvio à direita; que não, que o Renault descapotável amarelo é que tinha de contornar a rotunda por dentro, se pretendia virar naquela mesma saída, responde o outro.

E nem a presença do enorme Fiat de lata, azul e branco, da polícia, empunhado pelo Manelinho que, entretanto, se aproximara do local alertado pela ruidosa contenda, dava conta da situação. Estaladas e choros de orgulho ferido manifestavam o proveitoso treino destes futuros condutores. E aprendiam.

Satisfeitas com tal desenlace inesperado ficaram as formigas, tomadas naquela brincadeira por peões condenados a atropelamento, porque não entendiam o que era uma passadeira, mas agora livres para continuar a sua vidinha, a salvo de tais aprendizagens humanas.

Do tempo do sino à sina dos tempos

Os sinos que surgiram como instrumentos de contar o tempo para organizar o dia de trabalho, foram usados no mundo rural até épocas recentes, porque os utensílios altamente funcionais não convocam a sua substituição ao cumprirem cabalmente o que deles se espera. Por isso não é estranho depararmos ainda com sinos e sinetas nas quintas mais antigas do país.

Era o seu toque que anunciava a alvorada, o tempo do almoço matinal, a chamada para o trabalho e para a pausa do jantar, a retoma vespertina do labor e o encerramento da jornada. Também daria sinal de alarme, fosse desse inimigo maior, o fogo, fosse de outra natureza qualquer, apelando às gentes que acudissem.

Estes instrumentos sonoros assumiram, em todas as civilizações, um lugar central na vida social, quer como modo de comunicação entre os humanos, quer para ligação ao divino. Nas igrejas o sineiro faz variar os sons conforme os actos a transmitir. Para anunciar a morte de um homem, toca três vezes seguidas; para anunciar a morte de uma mulher, toca duas vezes; se dá duas ou três carreiras, o povo diz que os sinos dobram a finados. No funeral de criança de tenra idade, repica o sino em sinal de que um anjo partiu para o céu.

Com o sino também se convocava o Conselho da Aldeia, presidido pelo Presidente da Junta de Freguesia para tratar de assuntos colectivos. Tudo isso acontecia num tempo diferente, em que o sino tinha tempo para marcar o próprio tempo.

Sina, será, dos que chegam a velhos nesta vida líquida, como lhe chama Zigmunt Bauman, ficarem órfãos de filhos, afastados e deixados em processo de envelhecimento mais ou menos rápido, tal é a fluidez desta sociedade que se move em alta velocidade. Nos pais, já avós, sobeja o sentimento de abandono que a falsa proximidade da Internet e das redes sociais não logram colmatar. Nos filhos, urge ultrapassar os ponteiros dos segundos, acompanhando o ritmo da rede social e da sua esquizofrenia.

E, porque não tocam os sinos acusando a difusão do desespero desses pais desamparados, carentes de conforto emocional, sentido de pertença e calor familiar?!

O nocivo argumento da falta de tempo devia fazer repicar todos os sinos das cidades, das vilas e das aldeias porque esse argumento convoca uma prática desumana que coloca os mais velhos na posição de não terem com quem contar.

Já é frequente ver-se idosos silenciosos em salas de espera de toda a categoria de serviços de atendimento, particularmente nos centros de saúde, clínicas de exames e hospitais, com os seus acompanhantes embrenhados na pseudo-realidade minúscula que se desenrola no écran do telemóvel.

A enganadora urgência do estar além, com outrem, sempre noutra local diferente daquele em que se está, sempre com outra pessoa que não aquela que ali está, sublinha esse imperativo de verter todo o tempo em tempo útil. Mas duvide-se desse conceito de 'tempo útil' e toque-se a rebate o tal sino que é simultaneamente alarme de perigos, e medidor de um tempo que não pode ser rápido para os que ainda possuem algum vigor da juventude e lento, muito lento, para aqueles mais velhos que vão percebendo que o tempo flui mais devagar, devagar ao ponto de sentirem que passam por um tempo estranho, que já não é o seu.



Sineta da Quinta do Catalão
Barão de S. João, 2002



A fala do ar

O som mais nostálgico que conheço é o do vento a soprar, logo gravado na minha memória de miúdo. E se ele é comum aqui, no litoral onde sempre vivi, a verdade é que vem mesclado com outros ruídos que não permitem apreciá-lo na sua singeleza. E, por isso, não foi aqui que ele marcou a minha memória, mesmo na insistência com que faz bater e rebater as adriças nos mastros dos barcos que ornamentam as minhas paisagens preferidas.

Lá, ouvia-o, por mais fraco que fosse, porque nada mais havia para escutar naquele remanso soalheiro onde viviam os meus avós, em plena serra do Mú, no sítio da Moita Redonda, freguesia de S. Barnabé, concelho de Almodôvar, localizado praticamente na fronteira serrana com o Algarve.

É uma paisagem que nada tem a ver com aquele Alentejo plano, de horizontes largos, onde o Sol reverbera o seu maná criando planícies douradas. Este é outro Alentejo, de natureza diferente, de serranias feitas de montes altos e baixos cobertos de estevas, urzes, medronheiros e rosmaninho, com azinheiras e sobreiros erguendo-se acima dos arbustos, numa paisagem salpicada por gente, pouca, e alguma bicharada esquiva como javalis, ginetas e saca-rabos, zorras, águias-perdigueiras, e um ou outro lince entretanto reaparecido.

E, hoje, quando aprecio o sopro de qualquer vento, fraco ou fresco, em tom de assobio grave, recordo esse deserto de impurezas sonoras, esse paraíso de serenidade que só um repentino piar de ave livre ou um queixoso zurrar de asinino enclausurado na arramada, poderia interromper momentaneamente, para logo se restabelecer naquela ordem de harmonioso silêncio exterior, próprio dos interiores esquecidos.

Porém, e invariavelmente, o decorrer dos dias na calidez estival alentejana entrecortada aqui e ali pelo refrescante mergulho num pego mais fundo da Ribeira de Odelouca, já em S. Barnabé, acabaria por fazer sentir a ausência de outro som, mais discreto mas essencial, que escuto na minha terra: o murmúrio do mar; o canto das ondas que se suicidam abruptamente contra os rochedos ou se deixam morrer suavemente nos areais. Sonoridade de presença impossível nos montes alentejanos, mas inapagável da minha memória.

O Alentejo não tem exactamente a mesma luz mas tem a calma, o verde e, sobretudo, o silêncio que o Algarve já perdeu há muito.

E tem ainda a proverbial indolência inerente aos lugares místicos como que envoltos numa manta de retalhos de tempo. Uma manta formada pelo riacho que passa delicadamente por entre os seixos da ribeira, com os medronheiros suavemente embalados pela aragem que se contorce nas encostas, e o brado longínquo da mulher que chama não sei o quê, ecoando em espiral para o vale numa toada longa e musical.

E o “você” com que se tratam gentes grandes e pequenas, próximas ou alheias, numa delicadeza de diminutivos e outros mimos que o isolamento da serra ou a extensão da planície induzem.

E é esta quietude que o Alentejo possui, um segredo do ritmo da vida e da respiração dos seres.

É isso que atrai e enfeitiça.

Isso, e os meus lindos sobreiros que por lá habitam.

Daquela Vila cubista

Lembro-me das portas coloridas em volta da casa do meu tio, na Rua de S. Sebastião e com porta das traseiras para o Beco do Cabanas. E lembro as passagens ocasionais pela zona onde nasci, na Rua Nova do Levante, e o largo fronteiro com a barbearia

que tinha umas gaiolas com canários na ombreira da porta; e o bulício da fábrica Jacinto Ferreira (as fábricas trabalhavam aos sábados e, até, aos Domingos se houvesse peixe que o exigisse), e os camiões gigantescos da Feliz&Cruz - Transfec, estacionados no largo.

E a corrida pela Rua António Lopes, seguida da angular viragem rumo à Av. 5 de Outubro e a entrada ofegante na tasca* situada exactamente à esquina, o João Raizinho, onde contava ganhar algum raio de polvo seco, assado, da pequena tertúlia que reunia o meu pai, Chico Alegria como era conhecido, a alguns amigos e colegas operários de outros tempos.

Daquela tasca recordo a esposa do João Raizinho, a Sra. Rosarinha, mas do grupo de amigos do meu pai não tenho tão boa memória, excepto do Barroca, homem muito alto que tinha trabalhado na fábrica com o meu pai, mas nem sei se essa recordação será sugestão e influência das fotografias em que ele aparece, miradas e remiradas ao longo dos tempos, fundindo-se com as memórias reais de um putinho de 7 ou 8 anos.

São recordações de tempos que costumamos considerar como os melhores, esquecendo que é naquelas idades que acontecem as descobertas e os encantos da vida; até as papilas gustativas são mais eficazes e saboreiam tudo melhor do que hoje. E como não os podemos viver de novo, esses tempos da juventude serão sempre os melhores da nossa existência, momentos fugazes recordados com essa nostalgia que nos dizem identitária, a tal saudade, daqueles finais dos anos sessenta.

*Contaram-me recentemente que aquela tasca ostentava o nome “O Sol quando nasce é para todos” numa placa existente sobre a porta, o que, antes de 1974, resultava em frequentes problemas com as autoridades, implicando a remoção da mesma, embora o proprietário voltasse a colocá-la mais tarde, alimentando uma disputa que, certamente, lhe traria repetidos prejuízos materiais e pessoais.



Sejam loucos

Os loucos são fantásticos porque não temem o ridículo, nem os rótulos que os outros lhes colam. Além disso são ousados, arriscam, mudam de opinião ou de direcção sem se sentirem culpados; e acreditam em quase tudo. Até acreditam nas pessoas e não perdem tempo a julgá-las.

Os loucos têm um brilhozinho especial nos olhos, quer estejam alegres ou tristes, porque são os únicos seres capazes de viver uma utopia.

O diabético olha para o bolo de chila, polvilhado de açúcar, e resiste; não o come.

O diabético louco devora o bolo rapidamente, em enormes dentadas, que nem dão tempo ao cérebro para pensar no resultado daquela estulta atitude; ou então come-o lentamente, em pedacinhos cortados com um canivete enorme, talhando quadrinhos de massa dulcificada como se estivesse a decapitar pequenos diab(r)etes traquinas e, simultaneamente, qualquer sentimento de culpa que dificulte o acto de engolir.

Na verdade só existem duas formas de viver feliz, uma é fingir-se de louco e a outra é sê-lo mesmo.

HAPPY MADNESS

Antônio Carlos Jobim

B^bMaj⁷ Cm/B^b B^bMaj⁷ Cm/B^b B^bMaj⁷ Cm/B^b

B^bMaj⁷ Cm/B^b B^bMaj⁷ Cm/B^b B^bMaj⁷ Gm⁷ C⁹ F⁷#⁹ B^bMaj⁷ Cm⁷ F⁷#⁹

B^bMaj⁷ Cm/B^b B^bMaj⁷ E^b⁹ A^bMaj⁷ G⁷#⁹ D⁹#¹¹ Cm⁷ A^bm⁶

Cm⁷ E^bMaj⁷ B^bMaj⁷ Gm⁷ Cm⁷ F⁹ B^b⁷/₄

E^m7#⁹ A⁷#⁹ D^m7#⁹ G⁷#⁹ E^bm⁶ F⁹#¹¹ B^bMaj⁷

E^m7#⁹ A⁷#⁹ D⁷/₄ D^{dim}7 E^m⁹ A⁷#⁹ D⁷

B^bMaj⁷ Cm/B^b B^bMaj⁷ E^b⁹ A^bMaj⁷ G⁷#⁹ D⁹#¹¹ Cm⁷ A^bm⁶

Cm⁷ E^bMaj⁷ B^bMaj⁷ Gm⁷ Cm⁷ F⁹ B^bMaj⁷

Do Inferno

Onde é o Inferno? Perguntou-me o cão, abanando o rabo sujo de lama negra do rio.

Respondi-lhe que não sabia. - Apenas conheço esta terra e a estultícia verrinosa de alguns habitantes, coisa que me provoca náusea.

E de outros locais semelhantes, o que sabia eu? Insistiu o cão, ofegante, de língua pendurada.

Disso nada sei, respondi-lhe. - Eu nem gosto de viajar!

O cão ficou imediatamente hirto, completamente estático, fitando-me estupefacto; e depois ladrou alto eriçando o pelo, com os músculos tensos e a cauda horizontal e, assim, danado, reprovou a minha falta de interesse em viajar.



Biqueirão, outra coisa não!

Biqueirão estivado, ou biqueirão anchovado? Pouco interessa desde que seja bem feito, e no seguimento dessa herança de que o Algarve é fiel depositário, assim como a Andaluzia.



Nalgumas povoações do litoral algarvio (ex: Lagos e Tavira) encontraram-se cetárias com vestígios que comprovam que a salga de peixe já se efectuava no tempo da ocupação romana. Mas seria necessário esperar mais de 1800 anos para se chegar à filetagem e acondicionamento em embalagem estanque, ainda na primeira metade do século XX, embora a técnica de produção do biqueirão estivado numa escala industrial tenha chegado ao Algarve no final do século XIX, pela mão de gregos e sicilianos.

Na região cantábrica, quando se prepara em salmoura e se conserva em azeite, é denominado 'anchoa', resultando daí a influência noutras línguas, como 'anchova'* em português. No litoral mediterrânico ibérico e na fachada atlântica é conhecido como boquerón/biqueirão.

Então, para chegar àqueles filetes que as imagens mostram, o biqueirão é descabeçado, eviscerado e submetido à acção de uma salmoura saturada. Depois é colocado em recipientes, bem misturado com o sal e sujeito a uma prensagem de que resulta a drenagem dos fluidos do peixe. Permanece nestes recipientes por três meses, ou mais, e no fim procede-se à limpeza do peixe, com remoção da espinha e da pele, resultando o tal filete que muito apreciamos.

Nas conservas enlatadas pode apresentar-se sob a forma de filetes estendidos ou enrolados à volta de uma alcaparra.



*Existe na costa algarvia outra espécie denominada 'anchova' (*Pomatomus saltatrix*) e que nada tem a ver com o biqueirão (*Engraulis encrasicolus*) da nossa história, pelo que essa denominação é muito contestada pelos algarvios quando se refere aos biqueirões.

Homilia de Domingo

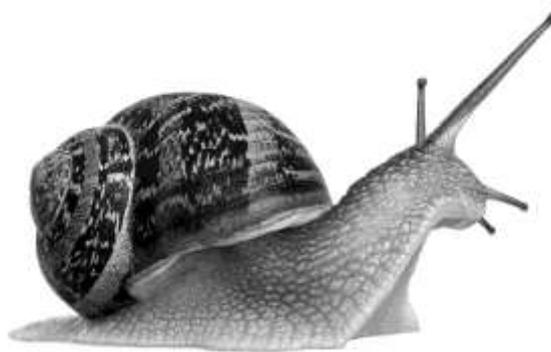
Aceito discutir as fronteiras entre permissividade e tolerância, mas não perco tempo a discutir a cegueira religiosa, seja o culto da Resignação, a Fé na Divina Providência, ou o Fervor Revolucionário; sejam as arengas de Frei Tomás ou os milagres do Santo Ernesto de La Higuera (o Che Guevara, sim, venerado em igrejas bolivianas).

E aqueles acéfalos semi-orientais que juntam radicalismo religioso e revolucionário, esses então.... que a Luz lhes derreta a ignorância, traças miseráveis.

Felizmente, acima do imenso *stercore*, pontifica o humor libertador, pois só ele possui a grandeza do triunfo do narcisismo e da afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego.

Ite ovium, missa est





*Festina lente*¹

Os animais que passam pela vida com uma calma total costumam ser os que parecem mais adoráveis apeteendo, até, abraçá-los com ternura. Logo, parece que ser lento também tem os seus benefícios. Mas a sociedade hodierna rejeita a lentidão e venera a velocidade.

O livro 'História de um Caracol que Descobriu a Importância da Lentidão', de Luis Sepúlveda, surge da pergunta ingênua de uma criança: “porque é tão lento o caracol?”. Trata-se de um caracol que queria ser famoso mas não percebia a razão por que era tão lento, e que isso era um impedimento à concretização do seu desejo. Então, pediu ajuda a um mocho, tendo-o por sábio, e este disse-lhe que era lento porque carregava um grande peso. O caracol não compreendeu e seguiu viagem, até encontrar uma tartaruga que lhe daria as respostas que procurava. A tartaruga Memória atribui-lhe o nome de Rebelde e ensina-o no que é importante; até que um dia o caracol, mais sábio e capaz, regressa ao seu país onde vai instruir os seus semelhantes acerca do que é a Liberdade, mas lentamente, sem pressas.

Na mesma linha de raciocínio, também Lamberto Maffei (in Elogio da Lentidão) qualifica o pensamento lento como mais pesado, uma vez que carrega consigo o peso da memória, da dúvida e da incerteza do raciocínio. E nos antípodas desta realidade deparamos com a vida moderna, frenética, repleta de compromissos e urgências, cheia de tecnologias e instrumentos que visam a rapidez e a celeridade. E Maffei questiona este modelo doentio de hiperactividade lembrando que se o nosso cérebro é capaz de reações rápidas e automáticas, sem dúvida importantes, a verdade é que ele requer também um funcionamento mais lento capaz de produzir reflexões que só se podem forjar num tempo mais dilatado para que sejam verdadeiramente assertivas e úteis.

Esta moderna rapidez alucinada impõe-nos a urgência de contar os minutos enquanto se buscam os sucessos, os prazeres fugazes, e a fatuidade da existência virtual, numa permanente corrida contra o próprio tempo. Eis o novo paradigma da condição humana: correr rapidamente para o fim da vida gritando que o tempo não chega para nada e que é ele que corre vertiginoso. Que atletas tão enganados.

Já o escritor Milan Kundera, numa obra fantástica, funde distintos horizontes, com dois séculos de distância, num mesmo cenário onde um homem, nervoso e impaciente, parte a toda a velocidade na sua moto, enquanto outro, de peruca branca setecentista, ensimesmado, sobe para uma sege: o primeiro afasta-se de algo rapidamente; o segundo, porém, parece disposto a recordar, ao ritmo lento da carruagem, a noite que acaba de passar com a amante.

Implícita nesta ficção libertina está uma reflexão sobre a vida contemporânea: sobre o vínculo entre lentidão e memória; a ligação entre o desejo actual de esquecer a experiência concluída e partir para outra nova, e a forma como nos deixamos descontrolar por esse demónio da velocidade. E, em consequência, se não nos vitimar esse acidente conhecido por *burnout*², passamos velozmente pela vida como se ela tivesse efectivamente a duração que a *vox populi* lhe atribui: ‘A vida são dois dias’.

Se reflectirmos calmamente, considerando todos os factores envolvidos, certamente concluímos que esta urgência contemporânea que se apossou de nós resulta de imperativos económicos que obedecem a estratégias de mercado, e do marketing de um mundo global e consumista.

Mas o homem racional e humanista percebe que o que é verdadeiramente importante, para além desta urgência de estar, de ser e de agir, é a reflexão pessoal, individual, que exige a serenidade e o vagar próprios que reconhecemos na sabedoria.

¹ “apressa-te lentamente” mas também “reflectir antes de agir”, provérbio antigo

² *burnout* - o conceito surgiu em 1974 pela mão do psicanalista americano H. J. Freudenberger, que o identificou como um estado de esgotamento físico e mental, com causa intimamente ligada à actividade profissional.



O fim da picada

Ao cabo de mais de 50 anos de vivência marítima, sobretudo estival, na magnífica Meia Praia, chegou a vez de estrear a picada de um peixe-aranha. Aquilo que inicialmente pareceu um golpe de uma concha aguçada revelou-se rapidamente como picada de um *Trachinus draco* (“Dragão Traquinas” numa tradução muito livre e abusiva).

O apoio de praia e o nadador-salvador responderam prontamente facultando um recipiente de água quente onde mergulhei a patorra, facilitando a circulação e disseminação do veneno de natureza glicoproteica e vasoconstritora.

Uma hora depois, e da minha parte, nada restava da experiência para além da memória dela. Já no que toca ao coitado do peixe receio que não tenha sobrevivido; se não morreu espalmado terá sido vitimado pela permuta de secreções venenosas. É que eu tenho vindo a acumular muito veneno de víbora ao longo da última dúzia de anos, por ser alvo recorrente de uma dessas criaturas. Por isso, picadas de peixe-aranha, peixe-pedra, serpentes-marinhas, medusas e demais criaturas tóxicas pouco impacto têm no canastro deste vosso escriba que continua com uma saúde de pedra.

Para a eternidade

A ventasga de Norte incomoda quem se refastela na areia, ou intenta erguer uma sombra que o proteja da inclemência do astro-rei.

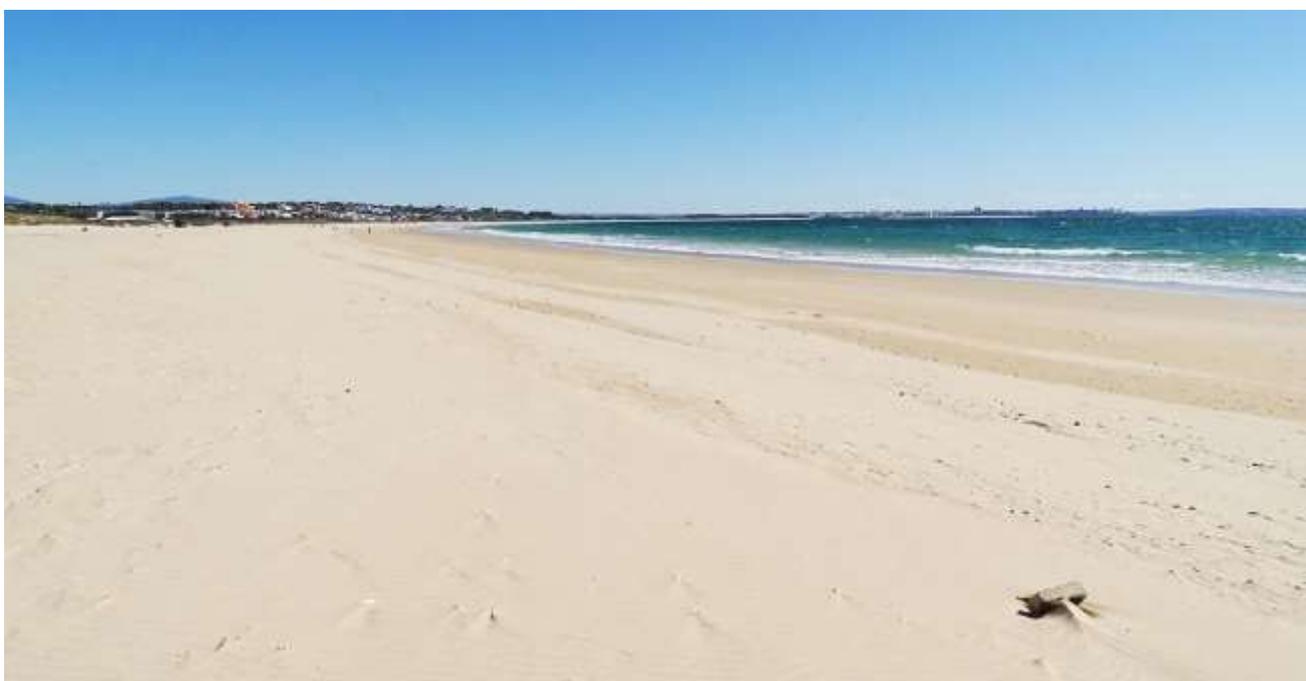
E então?! Quero lá saber!

O vento Norte é saudável, higiénico e purificador, ao invés do doentio Sueste. Basta ver a diferença que produz no mar, entre água límpida e fresca, e água turva e tépida; e no ar, entre um fluxo contínuo e inodoro e um ambiente peganhento, fedente e estagnado.

Pois é esta paisagem, com estas cores vivas e esta luz ampla e zenital, inigualável, que trago sempre nos olhos e no pensamento e que, sei-o, me acompanhará ternamente.

Imagino, até, que será nesta praia, ali à babuja, que encalhará a barca da ida, interrompendo por momentos a rendilhada e fina mortalha de água que o mar tece continuamente, aguardando que eu nela embarque para o além. Mas, surpreender-se-á o barqueiro Caronte com a minha recusa em pagar-lhe a viagem, sujeitando-me à inevitável condenação de vaguear eternamente pela praia, como se esta fosse a margem do Estige ou do Aqueronte.

E eu fico, e por ali vaguearei... eternamente.



*eu não tenho a peste
a peste sou eu*

A cada minuto que passa, a palavra,
sobretudo a escrita, perde terreno
para as imagens produzidas
para comunicar com as multidões embrutecidas
pela vida alucinante e vertiginosa.

.

Escrever é resistir contra o uso pérfido
da imagem criada para submeter as massas.

.

Esta é uma obra de ficção.
Qualquer semelhança com a realidade advém
da impossibilidade de a ignorar de todo.

∴